UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ- REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ÁREA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CARTOVAGAR NA DANTE ALIGHIERI: EPIFANIAS DE UMA PRAÇA EM CAXIAS DO SUL

CAXIAS DO SUL
2020

ANDRESSA VIEIRA

CARTOVAGAR NA DANTE ALIGHIERI: EPIFANIAS DE UMA PRAÇA EM CAXIAS DO SUL

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestra em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação, sob orientação da Profª. Drª. Sônia Regina da Luz Matos.

CAXIAS DO SUL
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

V658c Vieira, Andressa
Cartovagar na Dante Alighieri [recurso eletrônico] : epifanias de uma praça em Caxias do Sul / Andressa Vieira. – 2020.
Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2020.
Orientação: Sônia Regina da Luz Matos.
Modo de acesso: World Wide Web
Disponível em: https://repositorio.ucs.br

1. Educação. 2. Cartografia. 3. Epifania. 4. Praça Dante Alighieri (Caxias do Sul, RS). 5. Deligny, Fernand, 1913-1996. I. Matos, Sônia Regina da Luz, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

ANDRESSA VIEIRA

CARTOVAGAR NA DANTE ALIGHIERI: EPIFANIAS DE UMA PRAÇA EM CAXIAS DO SUL

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestra em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Aprovada em 17 de dezembro de 2020

Banca Examinadora

Profa. Dra. Sônia Regina da Luz Matos
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Vanderlei Carbonara
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Profa. Dra. Ana Paula Vieceli
Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

[...] teimo em nomear, em rebatizar incessantemente de: as circunstâncias, o imprevisto, o qualquer coisa, o inédito, o alhures, obstinado em encontrar a palavra certa, que não se deixa submeter a uma lei, um serviço, um estatuto, como aconteceu com tantas palavras-chave, uma palavra simples que lembre sem cessar que o homem é um caso de imaginação criadora e não de referência a leis, que o criador, o pai e todo o resto pode ser qualquer um, é o outro e sou eu.

Fernand Deligny

RESUMO

Tentando-experimentando: encontro tocado pelo inusitado; pelo que reside entre o conhecido e o desconhecido e que, portanto, não pode ser reconhecido. O que escapa e que está em um movimento constante de anseio pelo vir a ser, não podendo ser capturado. Expressão do projeto não pensado inspirado em Fernand Deligny. Uma pesquisa de encontros entre o vagar e o acaso: "Cartovagar na Dante Alighieri: epifanias de uma Praça em Caxias do Sul", possibilidades de existências outras para uma escrita, uma pesquisa, uma vida. Um modo de criação. Um modo de combate. Combate como vagar operado pela personagem conceitual Alice na Praça Dante Alighieri, em Caxias do Sul, a partir do que interessa problematizar nos movimentos cartográficos: *Quais os movimentos cartográficos do vagar na Praça Dante Alighieri?* Tem um norte ou objetivo específico: cartografar os movimentos do vagar na referida Praça, e se sustenta em três pilares: primeiro, identificar o conceito de vagar como elemento cartográfico para o educador francês Fernand Deligny; segundo, vagar na Praça Dante Alighieri; e terceiro, produzir imagens da cidade a partir das epifanias produzidas com a experiência do vagar na Praça Dante. Para dar fluxo aos 3 pilares (objetivos específicos), se destinam os blocos 2, 3, e 4 como um ensaio de romance e ao modo de mural, expressando o posicionamento de abertura de Alice aos encontros inesperados na Praça e na cidade, nos quais ela cartovaga. No bloco 1? As pistas de funcionamento. Tudo? Em https://cartovagabundagem.wixsite.com/epifaniasdadante.

Palavras-chave: Cartografia. Epifania. Fernand Deligny. Praça Dante Alighieri. Vagar.

RÉSUMÉ

Essayer-expérimenter : rencontre touchée par l'insolite ; par ce qui réside entre le connu et l'inconnu et qui ne peut pas être, par conséquent, reconnu. Ce qui nous échappe et qui est constamment dans un mouvement désireux du devenir et, à cause de cela, insaisissable. Expression du projet non pensé inspirée de Fernand Deligny. Recherche de rencontres entre le vagabonder et le hasard : « Cartovagabonder à la Dante Alighieri, à Caxias do Sul », possibilités d'exister autrement pour une écriture, une recherche, une vie. Un mode de création. Un mode de combat. Combat comme vagabondage dirigée par le personnage conceptuel Alice à la place Dante Alighieri, à Caxias do Sul, Brésil, à partir de ce qui est important de mettre en question dans les démarches cartographiques : *Quels sont les démarches cartographiques du vagabonder à la place Dante Alighieri ?* Il y a un but ou un objectif spécifique : cartographier les démarches du vagabonder à la place mentionnée et qui s'appuient sur trois piliers : le premier, c'est d'identifier le concept de vagabonder comme élément cartographique pour l'éducateur français Fernand Deligny ; le deuxième, de vagabonder à la place Dante Alighieri ; et le troisième, de produire des images de la ville à partir des épiphanies vécues dans l'expérience de vagabonder à la place Dante. Les blocs 2, 3 et 4 sont destinés à mettre en œuvre ces trois piliers (objectifs spécifiques) comme une ébauche de roman et comme un tableau révélant l'ouverture d'Alice aux rencontres inattendus à la place et dans la ville - espaces où elle cartovagabonde. Dans le bloc 1 ? Les pistes du fonctionnement. Tout ? À https://cartovagabundagem.wixsite.com/epifaniasdadante.

Mots-clés : Cartographie. Épiphanie. Fernand Deligny. Place Dante Alighieri. Vagabonder.

SUMÁRIO

1 ACASO - p. 10

2 VAGAR - p. 31

3 PASSANTE - p. 61

4 *FLÂNEUSE* DE CAXIAS DO SUL - p. 87

REFERÊNCIAS - p. 128

SONS POR ORDEM DE APARIÇÃO

ZAZ - p. 70

ILE - p. 94

Minha voz é o modo como vou buscar a realidade; a realidade antes da minha linguagem existia como um pensamento que não se pensa; mas por fatalidade fui e sou impelida a precisar saber o que o pensamento pensa. A realidade antecede a voz que procura, mas como a terra antecede a árvore, mas como o mundo antecede o homem, mas como o mar antecede a visão do mar, a vida antecede o amor, a matéria do corpo antecede o corpo, e por sua vez a linguagem um dia terá antecedido a posse do silêncio. Eu tenho a medida que eu designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia e que instantaneamente reconheço. Por destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso da minha linguagem. Só quando falho a construção obtenho o que ela conseguiu.

Clarice Lispector

1 ACASO

I

Alice é um corpo pesquisante. Alice é um corpo pesquisante em Educação. Com o corpo pesquisante de Alice em Educação, faz-se uma pesquisa com vida que existe, insiste e resiste na escrita. Portanto, Alice escrivive.

Quanto se exige de um corpo pesquisante que escrivive em meio à vida? Para Alice, qualquer pesquisa pode ser feita por um corpo, mas não é qualquer corpo que pode fazer uma pesquisa. Para ela, é preciso força e energia, ou melhor, fluxos de força e energia. Acredita que fluxos interrompidos geram inércia do corpo; que fluxos interrompidos em corpos inertes causam dor. Para se ter ideia disso, sua enxaqueca piorou, fazendo com que se sinta enclausurada em intermináveis pontos de parada. Às vezes, chega a pensar que não conseguirá suportar e dar conta de escrever em meio à dor. Por isso, acredita que sangue e lágrimas também não podem faltar. E coragem. Ela é a armadura que todo pesquisador deve usar para enfrentar não somente as batalhas de uma vida que acontece na e pela pesquisa, mas em todas aquelas que acontecem junto com ela. Exige-se muita coragem para renunciar as amenidades da terra firme e se lançar ao mar revolto!

Isso não quer significa que estar em terra firme seja uma escolha covarde. Não, não mesmo! Apenas que para ela a opção por águas turbulentas requer assumir uma posição constante de desordem, e isso implica renunciar a calmaria. E da calmaria Alice passa longe. Ela gosta mesmo é da baderna.

Seguir o fluxo da baderna - e há de concordares - não pode ser outra coisa que não um ato de bravura. E ser bravo, meu amigo, é correr sempre o risco de não ser mais o que se foi nem fazer aquilo que se fez. É arriscar. É encontrar modos de ser que indiquem outras possibilidades, que não podem ser capturadas, por serem projetos não pensados[1]. Por isso Alice arrisca: deixa-se levar pelo que acontece à medida que se dá, diante do inesperado. Ela age diante de um constante fazer-se: o incessante movimento de contemplar o mesmo para encontrar o outro, argumentando a experiência de um fluxo de vida imediato, de qualquer acontecimento, em momentos fugidios que passam a constituir um plano de construção

[1] No livro *O Aracniano e outros textos*, Fernand Deligny apresenta em diversos momentos o conceito fora do projeto pensando, tomando-o como o encontro dos trajetos do vagar com o acaso, ou seja, com as "ocasiões que ainda não existem, mas que se transformariam nelas pelo uso que se faz com a coisa encontrada" (DELIGNY, 2018, p. 20).

erigido pelo pensamento inventivo, promovendo uma transposição do conhecimento fechado e inerte para um aberto e ativo.

II

Assim, Alice produz uma ação que jamais poderá ser pressuposta e esperada, que se dá ao acaso: o vagar em um território topológico[2] chamado Praça Dante Alighieri, em Caxias do Sul, onde se ocupa em problematizar os movimentos cartográficos. Como ela faz isso? Cartografando os movimentos do vagar ali, colocando-o como elemento cartográfico para o educador francês Fernand Deligny, experenciando-o, inclusive, pela cidade por meio de fotografias.

Para Alice, tal ação se dá como uma tentativa de apontar um modo outro de ser e fazer pesquisador e pesquisa, de educar-se e educar para a vida em meio a movimentos da própria vida, que não pertencem a lugares e tempos específicos, mas obedecem a potência de cada relação estabelecida, que jamais poderá ser mensurada, e, por isso, é inesperada, descompromissada com explicações prévias e com interpretações, sempre alinhada com a criação de singularidades produzidas em um território do projeto não pensado, que combate o utilitarismo e a vontade de querer. Que combate a educação como disciplina e controle da sociedade. E, por isso, para ela, é uma inspiração. Inspiração encontrada em Fernand Deligny.

[2] Para Fernand Deligny (2018), um território topológico seria um lugar, o espaço, o território organizado para a existência e coexistência de corpos e objetos.

III

Sobre a tal inspiração... Para Alice, ela surgiu a partir de ações de escrita e leitura realizadas pelo grupo de estudos Difxrxnça (PPGEsdu/UCS), voltado à linguagem e semiótica em rizoma, com contribuição da Filosofia da Diferença, do qual faz parte. Até a chegada da pandemia, o grupo encontrava-se em diversos espaços públicos, entre eles, a Praça Dante Alighieri, na qual, assim como uma epifania[3], a atração pelo menor[4] aconteceu. Para ela, todos os seus sentidos foram mobilizados pelo menor daquele meio, que é o menor de outro. Menor que rompe com o senso comum, que é maior, majoritário e indefectível. Menor como imperceptível, e por que não dizer 'invisível'? Mas que existe e é potente, que se alia com outros menores e forma rede, uma rede como um modo de ser vagabundo e que por isso insiste e resiste pelo que escapa. Rede formada de encontros, tais como uma teia, constituída de vários fios. Encontros com objetos menores, sem utilidade - os refugos - em um espaço considerado pelo maior, no qual está inserida - a cidade, formada por uma sociedade gabosa de sua descendência sempre producente, nunca vacante, não muito mais útil. Encontros com-e-de inutilezas, sem aviso prévio. E que bom que assim é, que não existem! Nem os avisos, nem a utilidade. Se existissem, para Alice, eles seriam capturados pelo projeto pensando, e ali a rede já não existiria. É um pouco, como ela diz citando Deligny, uma rede e do que ela se ocupa em capturar, tal qual "[...] as ocasiões e, além disso, o acaso, isto é, as ocasiões que ainda não existiam, mas que se transformariam pelo uso que faríamos da coisa encontrada" (DELIGNY, 2018, p. 20). Isso reflete a relação que ela estabelece com a Praça durante a pandemia da COVID-19, quando, por força de decretos voltados ao isolamento e distanciamento sociais, não pôde vagar na Praça nem flâneusear em Caxias do Sul como antes, forçando o acolhimento do vagar como abstrato[5]. Logo, os rastros sólidos passam a vestígios liquerrarefeitos, o que para Alice não muda o fato de que a rede tecida com tais vestígios mantém sua consciência de ser, sem conhecimento de causa e efeitos (DELIGNY, 2018, p. 19), instaurando nela a certeza que, na Praça Dante e em Caxias do Sul, uma rede

[3] Para James Joyce (1993), as epifanias são manifestações divinas, expressões absolutas de momentos delicados e evanescentes, como o nascimento de um bebê na manjedoura, acontecimento insignificante que carrega a suprema verdade cristã.

[4] Tomo "menor" como oposição ao senso comum, que o coloca como adjetivo para classificar o inferior; o menos importante; sem relevância.

[5] Termo empregado no senso comum que, aqui, tem relação com a predominância de sentimentos e emoções, bem como com o uso de criações de imagens de forma livre.

ainda se forma e continuará a se formar incessantemente, apesar de e com a pandemia, possibilitando experimentações fora do que até então foi pensado para a Educação, área na qual se aventura, tida como um meio acolhedor de representação, de palavras prontas, figuras e pensamentos idealizados. E mais uma vez Alice aponta Deligny e a dimensão que fora proposta por ele como uma das constantes necessárias para uma rede... (DELIGNY, 2018, p. 18).

Quanto ao fora, Alice usa o vagar como bússola de seu corpo pesquisante para tramar a sua rede, porque ele mesmo é o norte da sua vida, constituindo-se como seu *modus vivendi* e *operandi*, fazendo dela uma cartovagante. Alice é resultado de tudo o que não foi planejado: se hoje é quem é e está onde está, é porque não coube dentro de nenhum engendramento. Posto isso, sua vida é feita de encontros, e sua relação com o destino é um pouco como a da aranha e do recanto da parede: se ela o encontrou, é certo que ele a aguardava. Ou, segundo Deligny (2018, p. 16), à sua obra estava predestinada. Por isso, Alice lê o jornal e o horóscopo todos os dias: nas suas notícias e previsões não tem pertencimento. Não que não acredite na Publicidade e na Astrologia, pelo contrário! O que a põe em suspeita é que o fazem deles, colocando o destino e a história de (e) todos no mesmo balaio.

IV

Um exemplo disso é a sua relação com a Educação. Tão exausta estava com as lidações profissionais[6] em sala de aula com adultos e com as burrocracias institucionais (O R duplo é proposital, pois se percebe na prática institucional, independentemente da área, uma transgressão da teoria proposta por Max Weber[7] de otimizar processos, cretinamente convertida em engessamento) que Alice protelou o início do estágio curricular do curso de Letras o quanto foi possível, pois não teria corpo[8] para as lidações típicas da adolescência nem para as burrocracias de outra instituição. Mas uma teia ali intentava ser tecida e contra a rede não era possível lutar. O primeiro dia de estágio, então, chegou. Dois períodos de português aguardavam depois do intervalo, e era preciso dar conta deles de qualquer jeito. Durante o trajeto para a escola, pensou inúmeras vezes em voltar, mas então lembrava que não era possível, que essa não era uma opção. Chegando lá, às 9h, portanto, com uma hora de antecedência, lembrou que, ao sair do carro, estacionado estrategicamente na rua lateral, ouviu uma voz um tanto quanto pronunciada vindo do interior de uma das salas de aula solicitar silêncio, o que a fez se questionar mais uma vez sobre a necessidade de estar ali. Mas, como uma guerreira, foi para o combate. Procurou a secretaria, onde a secretária, uma jovem senhora, recepcionou-a bem. Depois de se apresentarem, ela gentilmente conduziu Alice à sala dos professores, que estava vazia, o que naquele momento representou um bálsamo para o seu corpo ferido. Precisava de um tempo para assimilar a nova experiência e não queria - nem precisava - de influências externas para tanto. Mas sua alegria durou pouco: passados alguns minutos, a professora de português da turma foi até ela. Já se conheciam, então o desconforto do primeiro encontro não aconteceu. Pelo contrário, isso favoreceu um tom

[6] Na ocasião, atuava como tutora presencial em uma instituição de Ensino Superior voltada à modalidade semipresencial e 100% on-line, na área de Negócios, nos cursos de Tecnologia em Processos Gerenciais; Tecnologia em Logística; Tecnologia em Recursos Humanos e Tecnologia em Marketing. A atuação em sala de aula, por oito anos nessa instituição, foi viabilizada por formação acadêmica em Tecnologia em Administração de Pequenas e Médias Empresas e especialização em Gestão de Negócios. Por estar cursando Letras: Habilitação Português e Respectivas Literaturas, também foi possível mediar as aulas do curso de Licenciatura em Pedagogia, e, em seguida, confiados o acompanhamento dos alunos da modalidade 100% on-line e a supervisão e a orientação de estágio de todas as Licenciaturas dessa modalidade. Com o objetivo de favorecer o desempenho no programa de Mestrado, foi solicitado afastamento em fevereiro de 2019.

[7] O alemão Maximilian Karl Emil Weber é considerado o pai da Teoria Burocrática, que aponta para a necessidade de sistematização para eficiência e eficácia de processos. Mas, na prática, tal sistematização é operacionalizada de forma truncada, resultando em morosidade.

[8] "Corpo", para esta pesquisa, é tomado de Espinosa, para quem "a estrutura de um corpo é a composição da sua relação. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado" (DELEUZE, Espinosa e o Problema da Expressão, 2017, p. 147).

informal, amigável. Desejou boas-vindas à Alice e em seguida transmitiu o conteúdo que estava trabalhando com os alunos e passou a relatar a situação da turma na qual em breve ingressaria: no geral, ela (a turma) é boa, tranquila. A maioria dos alunos é participativa e interessada, exceto três que são os problemáticos (citou o nome de cada um). Dentre eles, o pior é fulano, que vai estar sentado bem na frente da tua mesa. É "cheio" de CID (Código Internacional de Doenças), não quer saber de nada, passa a aula inteira desenhando, não respeita ninguém. Um caso perdido. Os outros dois ainda fazem alguma coisa em aula, obedecem e não têm nenhuma limitação nem restrição de assistência, logo, a maior preocupação será com o fulano mesmo, para quem tu terás que propor menos atividades, com desenvolvimento mais simples.

Alice, então, questionou a professora sobre os tais CIDs, afinal precisava conhecê-los para melhor atender aquele aluno. Ficou surpresa com a resposta, que não se deu pela lista considerável de doenças apontadas, mas pela fala da professora: - a psicóloga afirma que ele não tem nada (nenhuma doença). Tu acredita? Então, só posso pensar em duas hipóteses: uma, que a psicóloga é tão doente quanto ele, e outra, que fulano de tal é vagabundo. Depois tu me fala das tuas percepções.

Alice se absteve. Acreditava na psicóloga. Mas o fato é que naquele momento foi tomada pela fala da professora de tal forma que passou a desejar que o tempo parasse e o sinal nunca tocasse para não ter que conhecer o tal "vagabundo". Afinal, na condição de estagiária, sendo avaliada o tempo todo e precisando mostrar eficiência, como seria contemplar um aluno desajustado, fosse por imposição de uma limitação, fosse por decisão dele? Não estava preparada e com certeza teria pontos negativos na ficha de avaliação. Um sério problema se anunciava... Foi com esse pensamento que Alice seguiu até a turma 7A na companhia da professora de português, após o sinal soar. Chegando lá, deparou-se com a vida de um típico aluno recentemente ingressante na adolescência acontecendo: correria para todos os lados, gritaria, classes e cadeiras sendo arrastadas, o que naquele momento causou um profundo arrependimento por não ter desistido ainda no caminho para a escola. Foi impossível disfarçar as inquietudes que se revelavam nos seus gestos. Demorou para a ordem ser retomada, e quando aconteceu foi apresentada aos alunos, cuja acolhida foi positiva, fazendo-a se acalmar e sua cara feia se desfazer instantaneamente. Alice se sentiu

confortável, também, por saber que professora não estaria na sala durante o estágio, que teria total liberdade de atuação.

Passados os momentos de tensão, a professora se retirou da sala e Alice ficou sozinha com os alunos: no momento da apresentação, a ordem foi dispensada, entretanto, respeitaram os rituais e seguiram, um após o outro, da direita para a esquerda. Quando finalmente chegou a vez do menino sentado em frente à mesa da professora, nenhuma palavra. Apenas a cabeça baixa e o movimento insistente da mão contra uma folha de caderno. O silêncio, então, foi interrompido por um colega que lhe deu voz com o seguinte discurso: - esse é o fulano. Ele tem 14 anos, é o maior da turma e passa as aulas desenhando. Alice voltou os olhos para o fulano que se mantinha alheio. Foi então que se aproximou com interesse pelo desenho. Percebeu que realmente se tratava de um menino consideravelmente alto, pela forma que estava desacomodado na cadeira, mas isso não parecia incomodá-lo. Foi então que ele levantou a cabeça, ajeitou os óculos e sorriu para ela. Estendeu o desenho e ofereceu à Alice. Era um pássaro! Ela ficou encantada. Pelo desenho e pelo gesto. O gesto da mão ao desenhar mesmo em uma posição desconfortável; o gesto de erguer a cabeça e ajeitar os óculos; o gesto de sorrir, o gesto de presentear com o desenho, o seu rastro, que foi acolhido. Então, Alice compreendeu: gestos, traços e rastros! Esse era o seu funcionamento, e não poderia se relacionar com ele de outra forma.

Durante a aula sobre predicado do sujeito e do objeto, Alice tentou reproduzir em desenho tais conceitos. Evidentemente que o resultado foi catastrófico. Sabe aquele homenzinho de pauzinho que quem não sabe desenhar faz? Pois então: ele mesmo. Era o sujeito que tinha a cabeça em formato de círculo, mesmo signo que ela utilizou para representar o objeto. Caramba! Que horror! E não poderia ser de outra forma, afinal, toda representação é horrível.

Enquanto desenhava no quadro, percebeu que o aluno em frente à mesa da professora a observava. Virou-se e ele baixou a cabeça. Pôs-se a traçar novamente. Alice não se importou. Na reta final da aula, ela propôs um breve exercício, que o tal aluno realizou, inclusive participando da correção. Alice ficou satisfeita com o seu desempenho. Sorriu para ele e ele retribuiu. Em seguida, com a aproximação do final da aula, foi questionada por um dos alunos sobre a possibilidade de guardar o material, ao que consentiu. Logo o sinal tocou e

foi surpreendida, primeiro pelos sentimentos de felicidade e realização que a tomavam, tão contrários aos que lhe acompanhavam quando chegou na escola e na sala; segundo, pelo tempo, que tinha passado rápido, queria mais: tinha a sensação que ainda seria surpreendida; terceiro, por uma fila que se formava por alguns alunos para se despedirem com um beijo no rosto e um abraço. Como era possível? Acabaram de se conhecer! E, quarto, e principalmente, porque quem tomava a frente da fila era o tal "vagabundo"[9], o menor que se agigantava. Foi então que, sem saber, a relação de Alice com o vagar[10] no espaço da Educação iniciava.

Mais tarde, já no velho café da cidade - convidativo e acolhedor -, acomodada em uma cadeira minimalista, no piso inferior, entre muitos livros, uma máquina de costura, utensílios de época e quadros diversos pendurados na parede, antes da chegada das colegas de estudo, Alice relatou o acontecimento para a coordenadora do grupo, mostrando o desenho do pássaro, quando esta disse: conheço alguém que muito também se afetou pelos gestos e traçados, que acho que seria uma interessante parceria para o desenvolvimento da tua proposta de projeto para a seleção de mestrado. O nome dele é Fernand Deligny. Ele estudava aranhas e sempre trabalhou com os marginalizados. O único porém é que ele era francês, e também um autor marginal, o que quer dizer que a maioria das suas obras não está traduzida para o português e que pouco ou quase nada se sabe sobre ele e sua contribuição para a Educação. Mas tem um livro que foi recentemente traduzido, o Aracniano e outros textos, no qual talvez encontre um rumo. Topa?

Alice topou. Estava ciente do gigantesco desafio de enfrentar as barreiras de outra língua e a escassez de estudos, mas saiu do café disposta a se aliançar com o tal Fernand Deligny. Ao chegar em casa iniciou buscas por alguns referenciais indicados e, depois disso, constatou que conhecer Deligny a partir dos olhos deles foi como ser tocada por uma brisa

[9] Para Fernand Deligny (2018), existe o escrever e o que escrever. Segundo ele, *o que* diz respeito ao assunto a ser escrito; já o escrever é aracniano. "Vocês podem olhar dez mil, cem mil mãos que escrevem: elas fazem a mesma coisa. Existem, contudo, algumas diferenças entre a aranha e aquilo por meio de que a mão, com os dedos transformados em patas e a palma transformada em corpo, escreve; o fio das palavras não sai das fiandeiras situadas na entrada do punho; foi preciso que aprendêssemos a escrever. Não se pode negar que escrever é traçar, e traçar está ao alcance de toda e qualquer mão, havendo ou não projeto pensado e sem que o aprender tenha intervindo; aí estão incontáveis mãos de escolares, portadores de traços traçados, como testemunhas de primeira mão. Não corro grandes riscos aos afirmar que traçar é inato" (DELIGNY, 2018, p. 34).

[10] O termo "vagar", para esta pesquisa, sempre implicará o movimento de abertura para o inesperado. Em relação à educação principalmente, por acreditar que seja um território sempre em constituição, no qual, embora repleto de coisas prontas, há espaço para outras tantas possibilidades.

suave. Então, encorajou-se a comprar o livro *O Aracniano e outros textos* para conhecer Deligny a partir dos seus... Experiência inquietante: ventania e temporal. Lia, relia e dali nada tirava. Não via Deligny, nem sequer parecia que existia. Nem ele e nenhum conceito. Era uma tal de rede, de teia, de aranha, de projeto pensado, de aracniano, no início, no meio e no fim do livro, que Alice não entendia. Afinal, o que tinha a ver aquilo tudo com educação especial, a sua tal contribuição que tinha lido em um dos textos do referencial? Abandonava a leitura e saía correndo a se esconder em amenidades de palavras compreensíveis. Mas era dali que o desejo de voltar e enfrentar a tempestade crescia. Ela precisava seguir. Então, voltava e encontrava "desenhos": riscos, dispostos de muitas formas, muitos com presenças de pontos bem marcados. O que seria aquilo? Uma grande loucura, pensava. Fechava o livro e voltava para a calmaria... E assim, quase como em um *looping*, a leitura acontecia. Lembrou que já havia passado por isso com Kafka e *O Processo* (2006), então concluiu que, para encontrar Deligny, do mesmo modo precisava de abertura, que só seria possível se abandonasse as vestes (e o peso) da academia.

Voltou para o Aracniano, finalmente aberta ao encontro. Alice conheceu Deligny e o Aracniano, o livro e o sujeito experimentado, aquele que viveu mais em rede do que de outra forma e que flertava o tempo todo com o vago. Aquele que escreveu entre rastros e mistérios e que por isso mesmo não fazia questão de ser visto por olhos treinados. Foi desse encontro que nasceu sua pesquisa e se desenvolveu o gosto pelo encontro do acaso com o vagar ali vislumbrado e posteriormente localizado na Praça Dante Alighieri, como também em um sala de 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Caxias do Sul.

Quanto ao vagabundo da turma 7A? Bem, certamente, para as suas presenças próximas - família e educadores –, Alice acredita que continua capturado pelo projeto pensando, dentro de um padrão normalizador algoz, o que é uma grande lástima, haja vista a potência de seus gestos. Uma forma singular de viver a vida, inclusive a vida de estudante. Para ela, um encontro alegre, fora do projeto pensado, que aumentou sua potência de agir no mundo por meio de seus rastros, que enquanto traçados deram pistas de-e-para uma vida, da mesma forma que as cartografias de *Cévennes*, as cartografias de Deligny. Que cartografias são essas?

V

Alice toma um generoso gole do Merlot italiano, coloca a taça na mesa e vai até a escrivaninha. De lá, traz um punhado de folhas soltas, com notas escrivídas:

- Das cartografias de Deligny, meu chapa...

* Fernand Deligny nasceu em Bergues, na França, no dia 07 de novembro de 1913 e morreu em 18 de setembro de 1996, em *Monoblet*, também na França. Enquanto poeta e etólogo, foi um excelente educador. Enquanto Aracniano, um incomparável Escorpiano. Reza a lenda que recebeu de Deus uma missão: "Terás (o escorpiano) a habilidade de conhecer a mente dos homens, mas, não te darei a permissão de falar sobre o que aprenderes. Muitas vezes te sentirás ferido por aquilo que vês, e em tua dor te voltarás contra Mim, esquecendo que não sou Eu, mas a perversão da Minha ideia o que te faz sofrer. Verás tanto e tanto do homem enquanto animal, e lutarás tanto com os instintos em ti mesmo, que perderás o teu caminho; mas, quando finalmente voltares, terei para ti o dom supremo da Finalidade. E Escorpião retornou ao seu lugar."[11]

* Fernand Deligny, um artista cujo pensamento transita pela antropologia, arte, literatura e cinema até os dias atuais. Aquele que experimentou a arte do viver junto em uma zona de vizinhança com os à parte, à margem da sociedade. Dizia ele: vinde a mim os inadaptados, os inadequados. Todos vocês, *oh*, marginais! Independentemente se de Escorpião ou Aranha, Deligny foi um Aracniano, sujeito experimentado, que na vida em organização se fez a partir da interação com o outro; que esteve no jogo e aberto a ele e cujas experiências são verdadeiras teias tramadas ou por tramar. Aquele assumidamente atraído pelo vago e que os acasos da existência fizeram viver mais em rede do que de outra forma, promovendo sua construção por meio de experiências institucionalizadas e não institucionalizadas:

1. Experenciações em instituições voltadas à juventude inadaptada, com a qual trabalhou desde o fim da década de 1930. Eis o primeiro. Foi quando atuou como educador em classes especiais e posteriormente no asilo psiquiátrico

[11] Fonte: Recanto das Letras. Disponível em: https://www.recantodasletras.com.br/mensagens/2790547. Acesso em: 15 set. 2019.

d'Armentiéres, no pavilhão 3, destinado a crianças e jovens inadaptados. Em 1938, casou-se com Jo Saleil, e com o fim da guerra passou a atuar em um Centro de Observação e Triagem (COT) voltado à reinserção social, pelo qual passavam os marginalizados - jovens, na maioria delinquentes, esquizofrênicos, psicóticos e autistas, os quais permaneciam lá até que se definisse judicialmente os seus destinos. Foi exatamente nesse período que desenvolveu uma relação dúbia com a instituição: ao passo que trabalhava nela, questionava seu funcionamento.

2. Trama pós-guerra, quando se filiou ao partido comunista e, em 1949, com Henri Wallon e Louis Le Guillnat, instituiu a rede *La Grande Cordée*, ou A Grande Cordada, formada predominantemente por crianças e jovens delinquentes, inadaptados e desajustados, para os quais se buscava encontrar possibilidades de sobrevivência, prazer e sentido de vida. A rede foi dividida em duas fases: a primeira entre 1948-1952/53, institucionalizada, durante a qual havia dependência da seguridade social francesa, que custeava o trabalho com os institucionalizados; e a segunda, a partir de 1953, quando perderam os benefícios sociais e saíram de Paris, de forma nômade, iniciando um período fora da instituição. Percorreram a França em um pequeno grupo que era organizado em detrimento do trabalho e da divisão de tarefas, como a elaboração de cineclubes, reconstrução e reforma de casas, ateliês de filmagem, criação de cabras, produção de leite, queijo, pão, entre outros. Nesse momento, Deligny se deslocou em relação à moral do trabalho, às instituições denominadas de reinserção, culminando no afastamento progressivo da rede *La Grande Cordée* do Estado. Entre 1962 e 1964 dirigiu o filme de loucos - *Le moindre geste* - que foi rodado em *Cévennes*. Entre 1965 e 1966, foi convidado por Jean Oury e Félix Guatarri para atuar na clínica *La Borde*, onde lhe foram confiados os cuidados de Jean Marie (Janmari), autista severo, então com 12 anos, considerado por Deligny como seu *maitre à penser*, sua inspiração, para o qual buscou um novo tipo de linguagem para dar conta um pouco da experiência da ausência de linguagem, da mudez ou da experiência não verbal.

3. De 1960 até sua morte, atuou junto às crianças autistas na região de Cevénnes, onde construiu uma rede composta por espaços de acolhimento e investigação. Nela, Deligny propôs a utilização de mapas, que registravam os trajetos do vagar que as crianças autistas percorriam no território, designado como Aracniano. Para ele, o vagar e balançar do corpo eram atos inconscientes e o caráter vago da linguagem produzia uma relação resistente com a língua e com os gestos. E o agir, assim, compunha linhas de vagar que se transfundiam em um "estar aí", que constituía a trama da rede.

Deligny colocava o agir autista como um agir sem finalidade, agir sem fim, então, na rede, os adultos passaram a incorporar e reproduzir os gestos dos autistas. Li um material de Miguel (2015, p. 67-68), no qual dizia que era "como forma de ordenar o espaço para a *psyché* autista e dessubjetivação dos adultos assujeitados, eliminando parcialmente o aspecto utilitarista e finalista das ações", e ainda que "[...] Esses gestos para nada ou esse agires no infinitivo tornam-se então uma constante na pesquisa desenvolvida na rede" (MIGUEL, 2015, p. 67-68). Utilizando diferentes dispositivos, como canetas, câmeras e mapas, esses agires eram registrados, quando a cartografia se expressava como experienciação em um território, que era transformado ao passo que provocava transformações naqueles que o ocupavam. Essa prática não se deixava compreender por um código, não buscava interpretar o que era feito por elas, cujas experiências nesses trajetos eram tomadas como linhas de errância, haja vista que os autistas não tinham consciência dos seus atos, mas, segundo Miguel (2015, p. 60), serviam como

> meios para uma deriva e para uma ampla desterritorialização: a. do olhar intencional (para alcançar o ver autista, ou seja, talvez não compreender, mas simplesmente ver, identificar, localizar, tudo aquilo que atrai a criança autista e a conecta a atividades); b. da subjetividade (para alcançar o nível impessoal e infinitivo do autismo; traçar sem fim, traçar por traçar); c. do homem "normal", "são" (para alcançar um território comum, um Nós comum, dividido por pessoas ditas normais e pessoas autistas); d. da linguagem discursiva (para alcançar uma linguagem comum não verbal: linguagem do traçar).

Os não autistas utilizavam mapas que carregavam uma intencionalidade, a do fazer, que sempre pressupunha uma atividade, como assar pão, colher, plantar, cuidar dos animais, por exemplo, e assim se configuravam não apenas como mapas de trajetos, mas de

gestos. A utilização da cartografia como forma de situar-se em um território deu-se de forma casual, quando Jacques Lin, uma das presenças próximas, relatou a Deligny sua dificuldade em agir com uma das crianças e foi orientado a apenas traçar os movimentos dela. Com isso, o espaço se tornaria um território, um corpo comum, graças ao traçar. Esse modelo pedagógico proposto por Deligny foi retratado no livro *O Aracniano*, de 1981/1982, composto por 59 fragmentos, único traduzido para o português, em 2015. Essa obra sofreu a influência dos estudos etnológicos, especialmente sobre aranhas, o que permitiu a comparação da rede a um período em que o humano e suas ações inatas prevaleceriam, e sua escrita - sempre entre mistérios e rastros, cabe lembrar - é tomada como uma ação repetida e como um traçar inato, que se distancia do objeto/conteúdo da escrita, ou como ele chama, do projeto pensado. Trata-se de um texto denso, difícil de traduzir e significar, e que aponta a descentralização das práticas pedagógicas do autismo, bem como das representações psicopatológicas, demonstrando a potência de ruína da linguagem e do poder. Eis a inspiração delignyana.

VI

Em um decanter, em movimentos circulares, Alice observa a dança etílica do vinho. - Que acontecimento - pensa! Resolve escriviver...

Para dar conta de um acontecimento no espaço-tempo, um corpo precisa de encontros: de não-encontros-marcados, de não-encontros-planejados, e sim de encontros-imprevisíveis, dos encontros-inusitados, dos quais não se tem nenhuma pista de localização e sobre os quais não se tem nenhum controle do resultado. Como estará esse vinho depois de decantado? Não sei. E que beleza tem essa incerteza! Decantar o vinho não é o fim, é antes o movimento do experimentado.

VII

Sobre os encontros, ao sabor de um, agora, Tannat, Alice continua seus escrivivos:

Os encontros... eles funcionam como pistas do vagar enquanto um andar ao acaso. Ou ainda, como um fora do projeto pensado. O que dispara imagens, por exemplo? Sempre criações!

Enquanto se vaga, uma cartografia se cria. Então, é preciso cartografar vagando, e vagar cartografando. Capturar imagens: criações não planejadas. Encontros que ganham corpo, outros que se perdem, e aqueles que não se percebem. Eis o funcionamento do cartovagar. Eis o funcionamento de Alice. Não aquela de Charles Lutwidge Dodgson, de *Alice no País das Maravilhas*, nem de Alice, de "milhões e milhões de Alices no ar"[12], de Félix Guatarri. Antes, aquela espelhada na gata vira-lata: gata Alice, que gosta de vagabundear.

Alice é uma gata de pelos rajados, de quase 9 anos, que mora em Caxias do Sul no bairro São Pelegrino, rua Irma Valiera, no apartamento 601 do condomínio La Villet, com a família (mãe, pai e seis irmãos). Mas nem sempre foi assim. Alice foi encontrada no dia 24 de março de 2012 em frente à porta do endereço comercial da família, em uma caixa de papelão juntamente com um bilhete no qual se lia "meu nome é Mima, tenho 3 meses e estou doente". Já era noite e estava garoando. Por acaso a família estava passando em frente ao local e, visualizando a caixa, resolveu parar para verificar o conteúdo. De pai e mãe biológicos desconhecidos, assim como data de nascimento e vida pregressa, Alice naquele momento deixou de ser Mima e um objeto abandonado em uma caixa para ganhar uma vida e uma história. Tornou-se filha e a razão de epifanias. Uma gata vira-lata, que transformou uma vida, ensinando todos os dias a importância do olhar cuidadoso para o menor e para a desconstrução de paradigmas. Todos os dias a sua existência, assim como uma manifestação divina, ilumina as outras da casa, promovendo um incessante movimento de ressignificação, inclusive sobre o que é ser vagabundo. Antes da Alice, vagabundo soava aos

[12] Na versão traduzida por Suely Rolnik, de 1986, a obra *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*, de Félix Guatarri, na página 56, a rádio italiana Alice é apresentada como um projeto que subvertia a linguagem, um jornal *A/traverso*, que transmitia desde músicas, passando por horóscopo até boletins de guerra, configurando-se como rádio linha de fuga.

ouvidos como algo pejorativo. Hoje, depois dela, vagabundo é a potência de uma vida em poesia!

VIII

O aroma do vinho faz Alice lembrar do café. O café traz lembranças da Praça. A Praça lembra um mestre. E o mestre, uma provocação: qual é a contribuição de pesquisar em Praça pública para a Educação?

Alice toma mais gole do vinho e prossegue escrivivendo...

Pesquisar em Praça pública não busca respostas para os grandes problemas da Educação; não busca ser aplicada em sala de aula ou em reunião pedagógica. Mas e por que não? Afinal, é uma tentativa de conferir uma outra possibilidade de existência para uma escrita, uma pesquisa, uma vida. É um modo de criação. É um modo outro de criar vida. E Educação é a própria vida. A vida é um constante fazer-se. Está sempre em busca de dar conta do que escapa, escorre, extravaga, do que não se pode controlar. E, portanto, é tentativa.

Tentar... Com uma pesquisa em Praça pública ou sem ela, tentar um modo de pesquisar e escrever diferentes; de estar no mundo e fazer vida com Educação; promover o movimento incessante do desassossego, das inquietudes, dos deslocamentos que o diferente causa; tensionar o que é posto como único e verdadeiro, indicando um potente território para o conhecimento, que não tem ponto de chegada nem o ponto de partida, tampouco início e fim. É, antes, um fluxo, um percurso, um direcionamento e uma ramificação, construído aos poucos, por meio de linhas que unem fragmentos de experiências entre si. Experiências condensadas que constituem fragmentos de conceitos, que por sua vez modelam percepções, agregando-as ao amontoado de aquisições que as precedem, formando unidades que promovem uma junção de multiplicidades. E só é possível conhecer pelas-e-por multiplicidades. Quando se coloca o conhecimento dentro do projeto pensado, aniquila-se a experiência, e, por consequência, o conhecimento. A experiência é o próprio conhecimento, e não há outra opção: é preciso digerir experiência como acaso, e ponto final.

IX

Alice toma o restante do vinho. Embriagada de escrivivídos e álcool, levanta-se, pega o gato no colo e sobe as escadas, meio cambaleante, em direção ao quarto. Lá, acomoda o bichano na cama e em seguida vai para o banheiro, onde prepara a banheira com água quente e sais de almíscar. Volta para o quarto e coloca uma música.

Despe-se, entra na banheira, relaxa e deixa os pensamentos vagarem embalados pela melodia. Fecha os olhos.

E adormece...

Vago é uma palavra que parece ter origens díspares, o que confere vastidão e diversidade ao eco que ela produz.

Vaga é a onda na superfície da água, vago é o espaço vazio, o que o espírito tem dificuldade de apreender, enquanto vagar é andar ao acaso.

Fernand Deligny

2 VAGAR

TÍTULOS POR ORDEM DE INSPIRAÇÃO

LUZ DA ESCURIDÃO - p. 33

O ENCONTRO DE SEMPRE - p. 35

CHORO - p. 37

A DIREÇÃO - p. 39

ESCADA - p. 40

RASTROS - p. 41

O PEQUENO HOMEM - p. 42

DOUTOR - p. 43

LÚCIA - p. 45

ENTRA E SAI - p. 46

O BOLO - p. 47

LA NEUVELLE VIE - p. 49

ASSIM SE TOCA, ASSIM SE DANÇA - p. 50

O CHAPA - p. 52

LÁ FORA - p. 53

PARADOXO - p. 55

A PRAÇA - p. 56

GESTO - p. 58

Luz da escuridão

Final de tarde de um dia cinzento de inverno. A guerra já anuncia o prelúdio do fim e a cidade permanece duramente sitiada.

Por uma rua enlameada pela chuva dos últimos dias, Alice segue no colo da mãe em direção a sua casa, observando curiosamente todos os movimentos do trajeto. Faz frio, e a neblina é como uma cortina que cobre aquilo que não se quer ver. Nesse momento o silêncio está tão ensurdecedor que a mãe prefere apenas fechar os olhos por alguns instantes e escutá-lo. Sentindo o vento gelado no rosto, ergue-o levemente e sorri. Abre os olhos, fita Alice, e mais uma vez sorri.

Quando seus olhos se voltam ao caminho, percebe que não estão sozinhas: logo à frente um soldado - homem dos seus trinta e poucos anos, magro, alto, com bigode preto asqueroso, que emoldura um sorriso igualmente asqueroso - surge no descortinar da neblina. Portando um fuzil e um olhar reprovador, espreita a formosa jovem viúva de guerra de tal forma que, ao cruzar com ele, ela é tomada por uma inquietação tão profunda que instintivamente a faz baixar a cabeça, apertar Alice contra seu corpo e aumentar a velocidade do passo. Durante o percurso, que naquele momento parece infinito, não olha para trás. Também não olha para os lados e não mais sente o vento gelado no rosto. Tudo o que consegue é ouvir o barulho insistente do contato de seus oxfords com as poças d'água.

Chegando próximo ao seu destino, já no caminho de pedras que conduz à porta da casa, o som já não é o mesmo: nesse momento, o que se ouve são os rastros de coturnos pesados que se fazem presentes atrás de si. Quando finalmente chega em casa, abre a porta com uma precisão legítima, mesmo com a pequena Alice ainda no colo, e ao cruzá-la não ousa mantê-la aberta por muito tempo, nem tampouco certifica-se que do outro lado haja alguém. Após trancá-la, percorre rapidamente o longo corredor escuro que leva para um cômodo com uma minúscula janela aberta pela qual é possível visualizar uma possibilidade. Dessa vez não há neblina, e mesmo na escuridão tudo fica perfeitamente claro. Então, a mãe fita Alice, beija-a e lança-a pela brecha.

Com os olhos fechados, sente o vento gelado daquela noite de inverno novamente lhe tocar o rosto enquanto ouve as fortes batidas na porta, vindas do lado de fora. Não ousa

mover-se, nem mesmo quando a porta bate contra a parede ao ser violentamente arrombada. Com o cessar de passos que se anunciavam pelo estalar da madeira velha do assoalho, vira-se ainda com os olhos fechados. Ao abri-los, diante do soldado - homem dos seus trinta e poucos anos, magro, alto, com bigode preto asqueroso, que já não sorria -, a formosa jovem viúva de guerra ergue a cabeça, olha profundamente para o fuzil apontado na direção do seu peito e sorri...

Ouvem-se tiros.

Alice vaga.

O encontro do sempre

Alice está caída no chão, imóvel pelas dores causadas pela queda, molhada e suja de lama, tomada pelo frio e pelo terror causado pelo barulho tão próximo de tiros. Em prantos, chama pela mãe.

Das frestas da janela de sua casa, a senhora Dubois, presenciando a cena, antecedida há poucos minutos pelo arremesso de Alice pelas mãos da própria mãe, após ouvir os tiros, sabe que a menina clama em vão e que precisa fazer algo. Contrariando o senhor Dubois, para quem a vida da esposa é mais importante que a de uma pequena órfã, a senhora sai apressadamente ao resgate da criança. Alcançando o outro lado da rua onde Alice está, ao encontrá-la a pega no colo, embalando-a e, com palavras doces, a acalma.

Está retornando a sua casa com Alice nos braços, quando, ao concluir a travessia da rua, ouve vozes masculinas: dois soldados acabam de entrar naquela rua. A visibilidade é mínima, e, temendo o que pode acontecer, bem como sabendo que não chegará em casa sem passar por abordagem, a bondosa senhora verifica a presença próxima de um cavalo e de um monte de feno e a esconde-a sob este. Tão logo a menina é escondida, uma voz de comando ecoa pela rua:

- Parada, velha. De pé!

A senhora Dubois levanta-se rapidamente e volta-se à direção da voz.

- O que pensa que está fazendo a esta hora? – Questiona um dos soldados.

- Separando feno para alimentar meu cavalo, senhor. - Responde a senhora Dubois.

- Somente uma velha estúpida mesmo para desacatar uma ordem! Não sabe que é expressamente proibido sair de casa depois das 18h?

- É que meu cavalo está com fome, senhor.

- Ah, é? – Retruca o outro soldado, com sarcasmo, olhando para o companheiro de farda.

- Pois agora não está, e nunca mais estará. – Diz ele, atirando letalmente no cavalo.

Os dois soldados gargalham.

A senhora *Dubois*, então, revoltada, começa a proferir xingamentos e lança-se contra o soldado que, impiedosamente, dispara duas vezes contra ela. Ouvindo os gritos da esposa e os disparos, o senhor *Dubois* sai correndo para verificar o que está acontecendo e, deparando-se com o corpo da esposa tombado sobre uma poça d'água lamacenta que se mistura com sangue, tenta reanimá-la, sem sucesso. Abraça-a e beija-a, lamentando pelo desfecho que tanto temia, mas orgulhoso pela coragem da esposa. Então, levanta-se e, sujo com a sangue da esposa, intrepidamente busca o mesmo destino dela, encharca-se com o seu ao investir contra o soldado.

Alice vaga.

Choro

Ouve-se choro de criança.

Os soldados aproximam-se do monte de feno e, ao constatarem a presença de Alice, um deles - o mais novo - tira-a dali. Com ela no colo, ainda em prantos, diz:

- É uma criança deles. A velha estava escondendo-a. O que vamos fazer?

- Seguir as ordens - responde o outro - vamos matá-la assim como qualquer um deles.

- Mas é apenas uma criança. Está apavorada e é tão pequena! – Argumenta aquele, inesperadamente sensibilizado pelo encontro.

- Mas vai crescer e, como uma erva daninha, tornar-se-á perigosa. Melhor cortar o mal pela raiz. Coloque-a no chão e vamos acabar logo com isso. – Proferiu o soldado mais velho.

- Está certo. Mas não aqui. É território deles. Vamos levá-la para fora dos seus limites. - Assentiu.

- Okay. Então vamos. Não posso perder tempo, hoje estarei de folga no turno da noite e quero aproveitar tudo o que tenho direito. Vou até a entrada da vila para buscar o caminhão.

Olhando no relógio, o jovem soldado que está com Alice no colo fala:

- Então já está quase na hora. Já são 18h45min, e o próximo turno inicia às 19h. Não chegará na cidade antes das 21h, se tiver que passar no acampamento antes. E como precisa estar de volta à meia noite, não aproveitará grande coisa. Pode deixar que eu mesmo dou um jeito nessa criança. Vai com o caminhão que eu vou andando com ela. Faço o serviço no caminho, sem vestígios.

- Acho difícil não deixar vestígios com essa criança chorando dessa maneira! Mas confesso que a ideia me agrada - Fala o soldado mais velho.

- Logo, logo ela vai parar de chorar. – Afirma o jovem que segura a criança.

- Assim espero. - Diz o outro soldado. - Vou falar para o comandante sobre essa missão que outorguei a tua responsabilidade. Ele ficará orgulhoso! E eu, satisfeito e feliz! Vou indo, então... Amanhã será um novo dia para nós!

- Até amanhã - despede-se o soldado mais velho, que se vira e vai se distanciando em direção ao início da rua.

- Até. - responde o outro.

Alice vaga.

A direção

Assim que constata que o colega de farda dobra a esquina, o soldado mais novo procura acalmar Alice, que ainda chora. Ao perceber que ainda estão diante dos corpos caídos, mortos, no chão, resolve afastar-se, indo na direção contrária à do outro soldado. Olha para todos os lados e, embora não veja nada, sabe que está sendo espreitado. Então, diante de uma das casas, deixa Alice no primeiro degrau e parte sem olhar para trás.

Alice vaga.

Escada

Assim como outras pessoas, a exemplo do que fez a Srª. Dubois, Ana acompanha aterrorizada os acontecimentos do lado de fora pelas frestas de sua casa. Diferentemente da corajosa senhora, não tem ninguém para reprovar sua conduta, e sem demora lança-se ao resgate da pequena menina, que ainda chora e chama pela mãe. Mas não sem antes olhar atentamente para todos os lados e certificar-se de que não terá o mesmo destino do casal de vizinhos.

Constatando que não há ninguém na rua, abre a porta e desce a escada correndo em direção à Alice. Ali chegando, toma-a nos braços e retorna para dentro rapidamente. Escondido atrás de um muro no final da rua, o jovem soldado acompanha a ação em completo silêncio.

Alice vaga.

Rastros

Ana enrola Alice em um cobertor e embala-a. Percebe que a menina, muito além de molhada e suja, está machucada. Coloca-a deitada na cama, que fica a quatro passos do fogão a lenha, que está aceso. Alice chora. Observando-a, Ana sente que os machucados do corpo da pequena criança serão as cicatrizes de sua alma. E sobre elas nada nem ninguém poderá atuar. Então, vai buscar uma bacia e a coloca em cima da mesa que fica do outro lado do fogão. Afasta a única cadeira e pega uma chaleira com água quente, que é despejada cuidadosamente no vasilhame. Em seguida, adiciona água fria e, constatando estar em temperatura adequada, fala para Alice:

- Pronto! Um bom banho quente irá ajudar.

Sobre a cadeira, coloca panos limpos e vai até a cama. Com Alice mais calma, Ana diz que vai retirar suas roupas para que possa dar-lhe banho, assim ficará limpa e quentinha. E assim deu-se. Após o banho, Ana tratou os machucados na pele da menina e vestiu-a com suas próprias roupas. Embora enormes, era o que tinha.

- Nada que algumas dobras e amarrações não resolvam - falou Ana, sorrindo.

- Pronto. Está limpa e quentinha. E com fome, com certeza. Agora vamos dar um jeito nisso - diz Ana, pegando Alice no colo e acomodando-a na cadeira em cima de um travesseiro.

Feito isso, vai até um armário e pega um prato, que é preenchido com uma sopa recentemente preparada com alguns poucos legumes e que é mantida quente em cima da chapa do fogão. No mesmo armário, pega o único pedaço de pão e serve-o junto com a sopa. Alice, faminta, não deixa sobras. Mas isso alegra Ana, que pega a menina no colo e coloca-a novamente na cama, dessa vez sentada. Alice parece compreender a atitude de Ana e já não mais chora. Está calma e até sorri diante de uma gracinha da moça. Com Alice calma, limpa, aquecida e sem fome, coloca lenha no fogo, apaga a vela e deita-se ao lado da pequena, que já dá pistas sobre um grande cansaço. Cobre seus corpos com os dois cobertores e abraça Alice, que adormece nos seus braços. Sem demora, Ana também pega no sono, que, em duros tempos de guerra, teve a possibilidade de ser reconfortante.

Alice vaga.

O pequeno homem

O dia se anuncia e lá fora um galo canta. Ana acorda e percebe que Alice ainda dorme. Com cuidado, desvencilha-se da menina e levanta. Faz muito frio e a moça refaz o fogo para aquecer a pequena casa e o que sobrou da sopa. Em seguida, vai lavar o rosto na mesma bacia que deu banho em Alice no dia anterior, porém, com água fria, que é armazenada em algumas jarras.

Ana vai até o armário e abre suas portas. Não há nada nele além de algumas vasilhas, dois pratos, alguns talheres, uma xícara, um copo e um cartaz de uma *pinup* de cabelos e olhos castanhos, com fartos lábios vermelhos bebendo Coca-Cola. Não há o que comer, mas naquela casa dois corpos precisam se alimentar. Ana serve-se de uma pequena porção de sopa e, em seguida, acorda Alice, alimentando-lhe com o restante. Agasalha-se, enrola Alice em um dos dois cobertores da cama e sai apressada com a menina no colo. Percorre um grande trajeto de lama até chegar ao centro da vila. Lá, para diante de uma construção antiga onde funciona um abrigo e toca a sineta. Quem atende a porta é um sisudo homem de barriga pronunciada e pequena estatura. Ana relata seu encontro com Alice e a impossibilidade de cuidar dela. O tal homem diz que não pode mais acolher ninguém, que o abrigo está cheio de crianças na mesma situação, e blasfema. Ana implora, mas o homem é irredutível.

- Sinto muito, mas não vai dar. Passe bem - fala o homem que fecha a porta, deixando Ana e Alice no frio lá de fora. Ana senta na calçada em frente ao abrigo, aperta Alice contra o peito e chora.

Alice vaga.

Doutor

Dr. D levanta da cama como de costume às 6h, faz a toalete do dia, troca de roupa e desce para tomar seu desjejum, que já está devidamente preparado na grande sala de jantar, onde, já à mesa, sua esposa Lúcia o espera. Lá chegando, não pronuncia nenhuma palavra, apenas senta, serve-se de café e um pouco de leite quente. Lança mão do jornal que está estrategicamente posicionado ao lado da sua cadeira e põe-se a lê-lo, sem pronunciar nenhuma palavra. Não come nada, apenas toma o café, pausadamente, dando à Lúcia a impressão de que as palavras lidas o alimentavam. Após terminar, coloca a xícara sobre o pires, ao lado o guardanapo de tecido finamente bordado, o jornal sobre a cadeira ao lado, e se levanta. Vai até a esposa, dá-lhe um beijo, deseja-lhe um bom dia e sai para trabalhar. Dr. D trabalha do outro lado da rua da sua casa e, ao sair pela porta, vê uma mulher chorando com uma criança nos braços. Apressa-se em cruzar a via e, ao fazer isso, aproxima-se de Ana.

- Bom dia, moça. Posso saber o que se passa? - questiona o homem.

- De que adianta saber? - responde Ana, de cabeça baixa.

- Talvez possa ajudar, não sei - diz D, em tom amigável.

- É pouco provável que isso aconteça. Se quem poderia fazer recusa-se, imagine outra pessoa. - fala Ana.

- Por que não tenta? Olá, meu nome é D. Trabalho no abrigo. Fui designado pelo Estado há alguns dias para a sua direção, então, de alguma forma talvez possa ajudar - continua o homem.

Ouvindo tais palavras, Ana ergue a cabeça e olha para D, que lhe estende a mão para cumprimentá-la.

- Olá. - Diz ela, estendendo a mão, e, em seguida, secando as lágrimas. - Meu nome é Ana e esta é a Alice. Pelo menos é o nome que está gravado na sua pulseira. Ontem, um soldado a deixou na frente da minha casa, mas não posso ficar com ela. O último pedaço de pão que tinha dei a ela ontem, e o pouco de sopa restante, hoje. Não consigo cuidar de mim, muito menos dessa pobre criança, que não sei de onde veio, mas deve ter sofrido muito, pelo

estado que se encontrava: chorava desesperadamente e estava com muitos machucados. Por isso, resolvi trazê-la para o abrigo. Para lhe dar uma possibilidade de vida, o que foi negado - continua a moça, que começa a chorar.

- Bem... fique calma. Eu bem sabia que poderia ajudar de alguma forma. Não tenho como acolhê-la nesse abrigo, mas posso encaminhá-la para um centro de triagem, onde um amigo trabalha, na cidade vizinha. Vou até lá amanhã, pois tenho alguns pacientes para visitar - sou médico -, e poderei levá-la com indicação para adoção. Até lá, ela ficará na minha casa, aos cuidados da minha esposa, que ficará muito feliz. Da mesma forma que em poder separar algumas roupas e comida para você levar. O que acha? - questiona o médico.

- Como posso saber se suas intenções são realmente boas? - Ana devolve o questionamento.

- Não tenho como responder a essa pergunta, afinal não me conhece, mas, peço que confie em mim - respondeu D.

Alice vaga.

Lúcia

Com Ana e Alice, Dr. D retorna para casa. Lá chegando, chama a esposa em particular. Enquanto isso, Ana aguarda na sala sentada em um confortável sofá de veludo verde oliva com Alice no seu colo, tranquila. Então, a moça decide acomodá-la sentada ao seu lado, ajeitando o cobertor para mantê-la bem aquecida. Passados alguns minutos, Dr. D e Lúcia retornam, quando esta convida Ana para um farto café da manhã preparado na cozinha. Ana agradece e acompanha Lúcia até o cômodo, que, assim como a sala, é amplo e preenchido de móveis. Encaminha-se até a mesa, que ocupa o espaço central, senta-se em uma das cadeiras Luís XV com Alice no colo. Lúcia, então, chama a governanta e a ordena que pegue Alice e alimente-a, deixando Ana livre. Em seguida, a esposa do Dr. D se retira, informando que vai até a dispensa providenciar mantimentos e depois até quarto para separar roupas para Ana levar. Antes, Lúcia retorna à sala, onde o esposo aguarda. Ali conversam brevemente e despedem-se. Dr. D volta ao abrigo e, lá chegando, ordena ao motorista que aguarde o chamado da esposa para levar Ana para casa.

Alice vaga.

Entra e sai

A sineta toca.

- Bom dia, senhor - fala a senhora para o pequeno homem sisudo de barriga pronunciada que atende à porta - venho a pedido da Srª. Lúcia, esposa do Dr. D, que ordena ao motorista que ele leve uma pessoa até sua casa, na vila.

- E não é de conhecimento do Dr. que o motorista foi designado às necessidades do abrigo, e não às suas pessoais? - responde o homem.

- Me desculpe, Sr., só estou cumprindo ordens. A Srª. Lúcia disse que foi o Dr. que pediu para avisar o motorista quando a moça estivesse pronta para ir embora. - respondeu a senhora.

- Espere aqui. Vou falar com o Dr. - ordenou o homem em gestos para a senhora entrar, fechando a porta em seguida.

- Está bem - respondeu a senhora, de cabeça baixa.

Depois de aguardar um tempo considerável, a senhora é surpreendida com a presença do próprio Dr. D, que está acompanhado de outro homem.

- Amélia, este é Jacques, o motorista do abrigo. Acompanhe-o até a casa para buscar a moça - ordena D.

A senhora acena positivamente com a cabeça, virando-se para abrir a porta, quando é interrompida: - Amélia, mais uma coisa. Assim que Jacques retornar da vila, ele irá até a casa novamente, com um documento. Peça à Ana que o assine, pois se trata de uma autorização para retirar Alice da vila, já que não é uma das nossas. Aproveite e sirva um café com biscoitos para este gentil cavalheiro - mais uma vez sentencia o Dr., sorrindo, apontando o caminho da saída para Jacques.

Alice vaga.

O bolo

Ana se despede de Alice, que está nos braços de Lúcia, com um beijo no rosto. Agradece à esposa do Dr., bem como a suas criadas, e, com a ajuda de Jacques, carrega as trouxas com mantimentos e roupas para o carro, até o outro lado da rua. Não olha para trás, e, no seu rosto, começam a escorrer lágrimas insistentes. Entra no carro, senta-se na parte de trás, de onde, conforme o carro vai se afastando, acena para Alice, deixando para trás uma vida. No caminho não pensa em nada. Apenas acompanha as paisagens que vão se transformando do lado de fora, ficando cada vez mais cinzentas até chegar na vila, na sua casa. Ali, auxiliada por Jacques, sobe as escadas com as trouxas. Ao concluir, agradece ao motorista, que vai embora sem demora.

Abre as trouxas, retira os alimentos e as roupas e guarda-os. Depois de arrumar a cama, coloca o pesado cobertor de lã dado por Lúcia em cima do outro que tinha, no lugar daquele com o qual cobrira Alice. Então, nesse momento começa a lembrar da pequena e a pensar na vida que poderiam ter juntas. Deita-se na cama e ali começa a chorar. Adormece. Acorda com muito frio. Já é noite e está na completa escuridão. Levanta-se tateando os móveis, até chegar na mesa, onde está um lampião. Acende-o e em seguida faz o mesmo com o fogo do fogão. Coloca água para esquentar, para o banho e para cozinhar. Enquanto isso, vai até o armário para definir o que fará para a janta. Como está com fome, dali retira um pedaço de bolo, tão generosamente separado por Lúcia. Serve-se de mais um pedaço, separa os ingredientes e a panela para a sopa. Leva-os até a pia. Retira os objetos de cima da mesa que ficaram ali depois de ter alimentado Alice pela manhã e também os leva até a pia. Lava e seca tudo. Quando se vira para colocar o prato sobre a mesa, é acometida por uma forte vertigem, que a quase faz cair. Ana senta na cadeira:

- Devo ter me virado muito rápido - conclui ela, que, ao sentir-se melhor, levanta e inicia o preparo da janta.

Coloca a panela no fogão, preenche com água. Volta à pia e põe-se a cortar uma cenoura, quando uma súbita e lacerante dor de cabeça a surpreende juntamente com outra vertigem e forte náusea. Ana cai. Ali, sozinha, sem socorro, convulsiona e morre afogada com seu próprio vômito.

Alice vaga.

La neuvelle vie

No dia seguinte, Dr. D vai para a cidade vizinha e leva Alice junto para entregá-la ao amigo e colega de profissão Dr. W, responsável pelo asilo psiquiátrico *La neuvelle vie*. Lá chegando, depois dos cumprimentos e de contar uma estória sobre Alice, D entrega um laudo que, segundo ele, é da pequena menina que tem "uma doença mental de difícil diagnóstico". Nele, D declara que Alice tem "sérios problemas comportamentais, chorando incessantemente e sem motivo aparente, quando se joga no chão e se debate a ponto de causar-se sérios ferimentos. Além disso não fala, mesmo estando com três anos de idade". W faz a leitura cuidadosa do documento e, ao concluí-la, fala: Nossa, incrível! Olhando para ela, assim, tão calma, não parece que faz tudo isso.

- Olhe e veja com seus próprios olhos. Ainda têm marcas pelo corpo da última crise que teve, bem diante de mim. Por não saber o que fazer nem como cuidar da filha, a mãe não teve outra opção que não entregá-la para ser internada em um asilo psiquiátrico. - enfatiza D.

W ouve o relato do colega, e, de posse do laudo de Alice, diante da assinatura da mãe - Ana Bossan -, "uma jovem viúva de guerra, um tanto quanto transtornada também", segundo D, a menina é aceita na instituição para receber tratamento psiquiátrico. - O problema - segundo W - é que aqui nunca tivemos crianças com a idade dela, então, o tratamento deverá ser o mesmo das crianças maiores, sendo ajustado por tentativas de erro e acerto.

- O importante é que essa pobre criança seja tratada. - Concluí D. Nisso, W abre a porta e chama a enfermeira, para quem Alice é entregue com resistência, não querendo ser retirada dos braços de D. – Coloque-a na ala A. Mantenha-a sozinha por enquanto - ordena W. A enfermeira, então, com Alice no colo, segue pelo vasto corredor, deixando como rastros os ecos dos gritos e do choro da criança.

Alice vaga.

Assim se toca, assim se dança

Alice passa boa parte da infância e adolescência entre as quatro paredes do asilo. Sempre que apresenta um comportamento ou uma atitude reprováveis, é trancafiada em um minúsculo aposento, onde apenas uma cama velha e um vaso sanitário sujo lhe fazem companhia. Aos doze anos, depois de se negar a tomar o remédio, tendo empurrado a enfermeira, que se desequilibra e cai fazendo com que a bandeja que traz em mãos seja arremessada longe, mais uma vez é encaminhada para o isolamento. Lá, deitada na cama, com as mãos entrelaçadas em cima do peito e olhos fixos no teto branco, sem ter no que pensar, Alice ouve uma voz feminina, muito próxima, falar:

- *Bonjour, mon amie Alice!*

Alice olha para os lados, levanta e vai até a porta, ficando na ponta dos pés para tentar chegar até a pequena janela, de onde talvez a dona da voz fale. Sem sucesso, volta para a cama e senta. Então pergunta:

- Quem falou isso?

- Eu, Mathilde – responde a voz.

- Onde você está? – a menina questiona novamente.

- Embaixo de você – a voz responde.

Alice olha debaixo da cama e não vê nada. Nisso, uma voz masculina gargalha, dizendo:

- Coitadinha dela! Além de tudo não enxerga!

Alice levanta-se rapidamente e mais uma vez pergunta:

- E agora. Quem disse isso?

- Thomas, *ma petite amie*! - responde a voz feminina.

- Merci, madame Mathilde, por me apresentar - disse a voz masculina, que continua - eu sou monsieur Thomas, seu criado.

- Onde vocês estão? - Alice insiste.

- Madame Mathilde está na sua frente e eu atrás de você. - Afirmou a voz masculina.

- Mas, na minha frente, eu vejo apenas uma cama, e atrás um vaso! – Exclamou Alice.

- Justamente. - Afirmou a voz masculina. - Eu sou Thomas, o vaso pianista, e Mathilde é a cama cantora. Somos uma dupla de artistas, que está em busca de uma jovem bailarina para dar vida a nossa música. Desde a primeira vez que a vimos tivemos a certeza que você era ela, mas somente agora nos foi permitido revelar. Então, pequena Alice, aceita ser nossa bailarina?

- Claro que aceito! - respondeu Alice animada. - Mas como – continuou - se não sei dançar?

- Sempre que estiver aqui, eu cantarei e Thomas tocará, e ao ritmo da música você irá se movimentar. Assim, logo, logo aprenderá a dançar - cantou com sotaque francês a velha cama.

- Eu vou adorar - disse Alice, sorrindo e girando.

A partir de então, Alice passa a se comportar cada vez mais inadequadamente, sendo enviada para o isolamento por mais tempo e com mais frequência. Lá aprende a dançar e faz amigos. Pelos corredores do asilo, quando não está isolada, dança, gritando aos quatro ventos que é bailarina. A bailarina de Thomas e Mathilde, o vaso e a cama, seus melhores amigos.

Alice vaga.

O chapa

Alice está com 15 anos e seu caso preocupa cada vez mais os médicos. É mantida por muitos anos pelo Estado naquele espaço e, de alguma forma, precisa ser producente, e na condição de bailarina imaginária isso nunca acontecerá. É preciso trazer o corpo de Alice o mais próximo da realidade possível para que ao menos possa ser útil nas tarefas do asilo. Foi então que Dr. W - que ainda dirige a instituição - convoca uma reunião com toda a equipe da instituição psiquiátrica, incluindo o recém-incorporado educador, Hector. Durante a reunião, o psiquiatra que acompanha Alice há alguns anos manifesta a intenção de aumentar a dose dos medicamentos e adotar o choque, pois acredita que somente assim as alucinações serão amenizadas. Hector, embora não conheça Alice, sugere que ela passe a ficar menos no isolamento e frequente mais as áreas externas, onde ele passará a oferecer diferentes atividades, como jogos, ateliês de pintura e de artesanato, entre outras atividades. Para ele, Alice, por gostar de dançar e ter aprendido sozinha - segundo o que lhe fora transmitido -, manifesta a potencialidade do inatismo para as artes, o que pode favorecer o seu quadro. Além disso, no prontuário da jovem, constam informações que ela aprendera a ler e a escrever aos cinco anos, mesmo que a fala tenha se desenvolvido um pouco antes, e que desde então manifesta interesse e apreço por leitura, principalmente por livros de fábulas. Também gosta de escrever, mas, no asilo, por não ter atividades para esse fim, ela pouco ou nada escreve. Ao encontro disso, Hector apresenta estudos que embasam as suas propostas de intervenção, incluindo oficinas de contação e escrita de estórias, a fim de contemplar todos os internos, mas sobretudo Alice. Inicialmente, Dr. W e os dois outros psiquiatras demonstram ceticismo às sugestões, mas decidem acatar em caráter de teste por determinado período, no qual abdicarão do choque. Sobre o aumento da dose dos remédios, os três psiquiatras são enfáticos ao concordarem: "é o melhor a ser feito!"

Alice vaga.

Lá fora

É sexta-feira de uma tarde quente de verão. Após o almoço, a enfermeira Margot entrega a medicação para Alice, que esconde o comprimido estrategicamente entre o dente siso e a bochecha, técnica que foi aprimorando ao longo dos anos. Está sentada no sofá da sala coletiva, onde algumas pessoas assistem televisão. Alice não está interessada no que vê ou ouve, está ali apenas para fugir da companhia das duas internas com as quais divide o dormitório: Clémence e Jordana. Alice não sabe o que elas têm, mas odeia seus gritos e suas caras brancas. Faz questão de engolir a medicação, sempre às 21h30min, para poder adormecer bem antes das luzes serem apagadas, assim, não corre o risco de acordar no escuro e se deparar com as duas imagens fantasmagóricas a lhe espreitar.

Da área externa do asilo, ouvem-se conversas e risadas. Algo atípico para esse lugar, pensou Alice, que levanta e vai até a janela. Dali observa a movimentação no jardim do asilo, que envolve alguns internos – homens - e o professor Hector, sob o olhar vigilante dos guardas. Será um jogo? Questiona-se em voz baixa. Vou lá ver, disse ela. Chegando lá, ao ser notada pelos guardas, é barrada e recebe a ordem de voltar, pois está desacompanhada de uma enfermeira, e ali não há outra presença feminina, portanto, Alice comete duas infrações sérias: circular sozinha pela área externa do asilo e estar no mesmo espaço ocupado por homens. Presenciando a cena, Hector intervém e pede para que Alice seja liberada, que ela ficará sob a sua responsabilidade. Alice sorri e agradece. Senta-se embaixo de uma árvore, de onde acompanha a atividade, que constata se tratar mesmo de um jogo com bola. Hector, em pé, com uma máquina fotográfica, registra cada acontecimento da atividade. Quando termina, o professor despede-se dos internos e encaminha-os para os guardas, que acompanharão o retorno às dependências do asilo, e volta-se para Alice, sentando-se ao seu lado, quando solicita sua opinião sobre a atividade

- Vai ser sempre assim - diz ela -, eles correm, correm e correm sem parar atrás de uma bola, mas jamais as suas pernas chegarão a outro lugar que não a este pátio. De que adianta tanto esforço, seu e deles, se o limite é sempre aquele muro? Correr atrás de uma bola não os fará menos retardados, porque é assim que são e serão sempre vistos. Se ao menos a cada um fosse dada a possibilidade de fazer o que quiser com a bola... então, eu poderia afirmar que teria sido uma excelente atividade. E continua: por isso eu prefiro estar no isolamento, com

Mathilde e Thomas, onde há sempre a possibilidade de uma vida acontecendo, a estar aqui fora, onde muitas vão se apagando. A questão não é estar dentro ou fora, mas o que se faz deles. É evidente que um vaso sanitário sujo e velho e uma cama de asilo igualmente suja e velha são objetos que não servem para outra coisa senão acompanhar a inulidade de uma existência que se efetiva naquele cômodo, ao passo que o mesmo acontece com as suas existências. Por que não encher aquele espaço que cheira a morte com música, que é vida, cujo som atravessa as intransponíveis paredes do asilo, fazendo o corpo se movimentar e ficar alegre? Por que não dar uma linda história para aquele vaso e àquela cama que estão fadados a serem sempre isso, mesmo diante dos muitos olhares que naquele cubículo vagueiam?... Sabe, professor, - continua Alice depois de uma breve pausa - eu não sei por que estou aqui, só sei que todas as minhas lembranças pertencem a esse asilo, então, é bem provável que daqui eu nunca saia, até porque lá fora ninguém me espera, já que aqui dentro ninguém nunca me procurou. Então, se for para continuar, que seja com vida. Recuso-me que seja de outra forma. O senhor não concorda? - Hector, impressionado com tamanha sensatez e surpreso com tal questionamento, não consegue responder, limitando-se a abaixar a cabeça, apertar os lábios e levemente concordar. Então, levanta-se bruscamente, estende a mão à Alice para que também levante e a acompanha até as dependências do asilo. Durante todo o trajeto, mantêm-se em silêncio. O professor põe-se a refletir sobre o que acaba de escutar, ele precisa de tempo para falar a respeito. Já Alice apenas pensa que o silêncio do professor representa o pensamento de todos os outros: que ela é louca. Então, melhor ficar quieta.

Alice vaga.

Paradoxo

Hector precisa se ausentar do asilo por alguns dias para tratar de assuntos pessoais em outra cidade, mas, mesmo distante, seu pensamento se mantém no espaço e na conversa que tivera com Alice. Antes da viagem, faz um planejamento para uma oficina de artesanato da qual a menina participará. As enfermeiras Margot e Laure serão as responsáveis por ministrar as atividades, que, diferentemente das demais, serão desenvolvidas por homens e mulheres, juntos, em pequenos grupos, no jardim externo. Caso chova, deverão ser feitas no jardim interno, não em uma sala fechada, e todo o seu desenvolvimento registrado em fotografias, juntamente com um relatório. Pela porta do ônibus, carrega consigo a certeza que tudo transcorrerá bem e que Alice ficará feliz em poder dar vida aos objetos que serão utilizados. Espera que os demais façam o mesmo, mas sabe que pode se frustrar se nutrir tal expectativa. - Afinal, cada um é um - pensa ele. De qualquer forma, mesmo não produzindo vida aos objetos, o professor está convencido que neles um pouco da vida de cada um estará impressa, e isso lhe faz sorrir. Como a viagem é longa, decide antecipar o planejamento das atividades que pretende realizar na volta, já que possivelmente, enquanto estiver fora, estará suficientemente ocupado com os trâmites da venda da propriedade de sua família. Nesse momento, retira da bolsa de couro marrom um bloco e um lápis. Olha pela janela e por acaso percebe a presença de um pequeno cachorro, possivelmente um filhote, movimentando-se para fazer a travessia da estrada, o que lhe causa uma inquietação profunda, acompanhando-lhe por muito tempo. Então, abre o bloco e começa a riscá-lo. Dos riscos, surge uma imagem que parece um cachorro, que logo ganha um adotante e uma casa, do outro lado da estrada. Nessa casa mora uma senhora de 80 anos, que carrega consigo muitas histórias, sendo as da guerra as suas prediletas. Essa senhora chama-se Martina, que, enquanto borda em um tecido, na sua poltrona da sala, conta-as para os 3 netos (Lucas, Vitória e Léo) junto com Austin - o mais novo membro da família - que crescem escutando sempre como se fosse a primeira vez... O que eu estou fazendo? – se questiona Hector, fechando bruscamente o bloco com o lápis dentro. Olha novamente pela janela, quando a lembrança do pequeno cãozinho tentando cruzar a via retorna, fazendo responder a si mesmo: dando vida ao cachorrinho, que talvez tenha se perdido quando o ônibus passou.

Alice vaga.

A praça

Passados 5 dias da sua partida, o professor retorna para a cidade, que lhe é quase que inteiramente desconhecida, pois, desde que veio da sua cidade natal, não teve tempo para explorá-la. Entretanto, percebe que o trajeto feito pelo ônibus na ida não é o mesmo da volta, fato que o faz levantar e procurar o motorista para questionar sobre a possibilidade de ter entrado no veículo errado:

- Com licença, senhor. Boa tarde. Por gentileza, pode me responder se este ônibus para no ponto próximo ao asilo psiquiátrico?

- Olá, boa tarde. Sim, ele para lá. Daqui no máximo 10 minutos chegaremos. - responde o motorista.

- Ok, agradecido. Estava receoso em ter entrado no ônibus errado, pois não reconheci o trajeto que está sendo feito e, como não sou da cidade, não saberia como proceder para chegar até o ponto próximo ao asilo - continua Hector.

- Ah, sim. Mas, pode ficar tranquilo. Está no ônibus certo e logo chegará ao seu destino. - Fala gentilmente o homem.

- Mais uma vez, obrigado. - Agradece o professor, que se vira para retornar ao seu assento. Quando ali chega, ao posicionar-se para sentar, olha pela janela e vê uma praça, que naquele horário, às 15h30, está bem movimentada. Muitas pessoas caminham por ela, cruzando de um ponto a outro; outras estão sentadas nos bancos. Algumas sozinhas, outras acompanhadas. Em alguns pontos, pessoas conversam em pé, e crianças correm ao redor do enorme chafariz que fica bem no centro da praça. É um espaço com muito verde e alguns monumentos, e, pela concentração de estabelecimentos comerciais no seu entorno, Hector constata que se trata da praça central da cidade. Então, senta e da sua poltrona começa a pensar que um passeio na praça no domingo à tarde não seria uma má ideia. Para ele e para... Alice! Nesse momento, surge a imagem de Alice falando, sentada no chão do jardim do asilo: "Sabe, professor, eu não sei por que estou aqui, só sei que todas as minhas lembranças pertencem a esse asilo, então, é bem provável que daqui eu nunca saia, até porque lá fora ninguém me espera, já que aqui dentro ninguém nunca me procurou..."

- Claro! E para Alice. - Disse Hector em voz baixa - Alice precisa conhecer a praça.

E é carregado dessa certeza que sai pela porta do ônibus ao chegar no seu destino.

Alice vaga.

Gesto

Quando chega ao asilo, Hector encaminha-se ao seu dormitório, onde deixa suas malas, e dali parte em direção a sua sala. Olha pela janela e vê que algumas internas estão sentadas nos bancos no jardim, mas percebe que Alice não está entre elas. Vai até o posto de enfermagem à procura da enfermeira Margot, que não se encontra no asilo, então, questiona a funcionária que o atende sobre o resultado da oficina de artesanato que aconteceu durante a sua ausência. A moça se levanta e vai até um armário, de onde retira uma caixa, entregando-a para o professor, que agradece, segurando-a, e segue com ela novamente para a sua sala. Ali chegando se acomoda na cadeira e coloca a caixa sobre a mesa. Ao abri-la, constata que nela estão as peças produzidas pelos internos, bem como os registros escritos e de imagem da oficina. Primeiramente, lança mão das fotografias, que retratam o trabalho individual e coletivo do grupo, quando mais uma vez percebe que em nenhuma imagem Alice aparece. Resolve ler o relatório, no qual consta que Alice não participou da oficina por mau comportamento, sendo encaminhada para o isolamento. Hector, então, procura Dr. W em busca de mais informações, que aponta que Alice está no isolamento, pois seu truque de não engolir a medicação foi descoberto pela enfermeira que substituía Margot – que enquanto separava os remédios de Alice foi chamada para auxiliar em uma contenção –, a qual imediatamente reportou o acontecimento. A partir de então, Alice é mantida no isolamento, sedada.

O professor solicita autorização a W para ver a menina, que consente. Mesmo sendo informado de que possivelmente a encontraria dormindo, ele vai. Após cruzar um longo corredor e descer dois lances de escada, finalmente chega no quarto de isolamento, cuja porta é aberta pela enfermeira que o acompanha. Ao entrar no pequeno cômodo, Hector encontra Alice, de fato, dormindo, mas, diante do cenário, a impressão que tem é que ela está morta, em uma câmara mortuária. Assim como havia relatado Alice, aquele lugar cheira a morte: não tem ventilação e as paredes se apresentam em grandes extensões, mofadas. A luz é forte e o único contato com o exterior é por uma minúscula janela de vidro, que é mantida fechada pelo lado de fora. Foi nesse momento que Hector olha para o vaso e lembra que ele se chama Thomas e que possivelmente deve estar se questionando sobre a presença estranha. Olha para a cama e sabe que Mathilde está ali, também a observá-lo, e sorri, virando-se para que a

enfermeira não veja. Recompondo-se, o professor questiona a funcionária sobre quanto tempo Alice permanecerá naquele lugar. Ela informa que a ordem é que fique até que as alucinações desapareçam. Hector agradece e informa que viu o suficiente. Então, retorna à sala de W, para quem transmite a intenção de levar Alice para um passeio na praça, que tem certeza que fará bem a ela. O médico diz que é loucura, que é melhor esquecer tal absurdo. O professor insiste, comentando sobre estudos que apresentam os benefícios do convívio social, entretanto, W se mantém irredutível e nega o pedido. Hector resolve então calar-se e assentir com a cabeça, despedindo-se de W. Deseja-lhe que passe bem e parte.

Alice vaga.

Em alguns lugares, já não é mais possível estar em público, uma crise tanto para as epifanias particulares do deambulante solitário quanto para as funções democráticas do espaço público.

Rebecca Solnit

3 PASSANTE

SINAIS POR ORDEM DE COLOCAÇÃO

SINAL PRIMEIRO - p. 64

SINAL SEGUNDO - p. 66

SINAL TERCEIRO - p. 68

SINAL QUARTO - p. 69

SINAL QUINTO - p. 75

EDIÇÕES[13] POR ORDEM DE FOTOGRAFIA[14]

TEIA EM TELA – CAPA

FORÇAS DA PRAÇA I - p. 79

FORÇAS DA PRAÇA II - p. 80

FORÇAS DA PRAÇA III - p. 81

FORÇAS DA PRAÇA IV - p. 84

FORÇAS DA PRAÇA V - p. 85

[13] Ver nota de rodapé 15.
[14] Autoria própria.

Sinal primeiro

Ouve-se barulho de vidro quebrando.

Alice acorda assustada e acende o abajur. Olha para os lados e não vê nada, então, senta na cama e, ao calçar o chinelo, constata que ali está, em pedaços, o copo que na noite anterior tinha preenchido com água para facilitar a ingestão do comprimido para enxaqueca que lhe acompanhava há dois dias. Não lembra como foi parar na cama, pois quando fechou os olhos estava na banheira.

O responsável pelo acontecido logo surge debaixo da cama: o gato Ângelo, que todas as madrugadas, pontualmente após as 04h, promove maratonas de corrida e saltos pela casa, muitas vezes fazendo dupla com as irmãs caçulas, Aurora e Anitza. Dessa vez está sozinho.

Temendo que o bichano se machuque, Alice levanta para limpar os cacos. Antes, acende a luz e olha no relógio, que marca 05h15, portanto, quase 1h antes do despertador anunciar que é preciso levantar para dar conta de mais um dia. Enquanto vai até a área de serviço buscar a vassoura e a pá, percebe que a dor de cabeça foi embora. Em contrapartida, as lembranças do longo sonho que teve se fazem presentes, e a sensação de ter vivenciado a experiência de ter perdido a mãe com um tiro de fuzil que culminou na sua internação em um asilo psiquiátrico, onde conheceu um jovem professor que queria apresentar-lhe uma praça, parece real. Volta ao quarto, limpa a bagunça, abre a cortina e a janela, de onde visualiza uma linda segunda-feira de sol, e pensa: *paisagem perfeita para iniciar a semana!* Retorna para a área de serviço, acondiciona os cacos em uma caixa de papelão, que é isolada com fita crepe, junto com os dizeres em uma folha branca: 'Cuidado! Vidro quebrado'. Em seguida vai até o banheiro, lava as mãos e o rosto, e dá início à sua rotina: cuidado com os gatos e cachorros; coloca roupa na máquina; toma café; vai para o banho e escova os dentes; volta para o quarto, onde se troca; retorna para o banheiro e se maquia; seca e chapa o cabelo; volta para o quarto na intenção de arrumar a cama, que deixa desarrumada ao constatar que um dos felinos está dormindo; vai para a sala e organiza a bolsa de trabalho; percorre cada cômodo para ver ser todos os aparelhos estão desconectados das tomadas, bem como se as janelas e portas estão devidamente fechadas; volta para a cozinha e verifica a válvula do gás, que sempre deve estar fechada; mais uma vez percorre a casa, dessa vez para verificar onde estão os outros gatos e os dois cachorros, de quem se despede dizendo que logo volta e

que vai morrer de saudade; retorna para a sala, lança mão da bolsa e das chaves de casa, bem como do carro; calça os sapatos e corre em frente ao espelho do corredor para conferir o resultado do *look* completo. Então, vai em direção à porta da sala, por onde sai, mais uma vez se despedindo dos mascotes em alto e bom tom. Fecha a porta, aciona o botão do elevador, que, quando chega, não é prontamente ocupado, pois Alice volta para se certificar que a porta está realmente fechada.

Ao chegar na garagem do prédio, desaciona o alarme antes de sair do elevador. Depois vai em direção ao seu carro, que é aberto somente quando está próxima dele. Entra, bate a chave e, enquanto aguarda 'o óleo rodar', liga o rádio. Então, abre os portões e vai. Mas, não sem antes, ao cruzar por eles, certificar-se que foram fechados e o alarme da garagem acionado.

Credo, será que tenho algum transtorno obsessivo-compulsivo? - questiona-se, em pensamento. Melhor não pensar, vai que somatize,

que sou matisse.

Matisse[15].

[15] Referência a Henri-Émile-Benoit Matisse, artista francês conhecido, entre outras coisas, pela expressão da linguagem por meio de desenhos, bem como do uso de cores puras, sem mistura, em suas pinturas. Sob tal inspiração, foram criadas as imagens apresentadas ao final do presente capítulo.

Sinal segundo

Alice mora em um bairro central da cidade e trabalha em outro, periférico. Ela precisa cruzar alguns outros para chegar ao seu destino e, para tanto, tem algumas opções de rota, mas prefere geralmente a mesmo, que concentra menos movimento. Mas dessa vez não. Como ela dispõe de mais tempo, por ter acordado antes do horário habitual, o que lhe possibilitou adiantar os afazeres e sua saída de casa, resolve cruzar toda a área central, mais movimentada. Em certa altura do percurso, o semáforo fica vermelho. Alice visualiza a Praça[16], que, nesse horário, às 07h45, já conta com a presença de algumas pessoas, seja cruzando por ela, seja ocupando o seu espaço, ou no seu entorno. É isso que o comércio ainda não está todo funcionando. Então, mais uma vez, a lembrança e as sensações do sonho que teve retornam. Pensa que durante toda a sua vida passou incontáveis vezes por ali, mas que até aquele momento não a tinha visto. Nunca havia reparado na vida daquele lugar, muito menos na sua beleza e potência. Cresceu ouvindo que é espaço perigoso: ponto de parada de bandidos, moradores de rua, prostitutas, drogados, 'fugitivos de outros países' e ciganas aproveitadoras. Aposentados, sem ter o fazer, passam o dia nos bancos, sentados. Portanto, quem frequenta a praça é vagabundo, desocupado. 'Pessoas de bem', 'corretas', 'de família', 'que trabalham', 'que têm o que fazer na vida' devem manter distância, pois *aquilo é o antro da escória da cidade.*

O semáforo fica verde sinalizando que é preciso seguir em frente. Então, Alice parte.

---

[16] A Praça Dante Alighieri, que, no período da Segunda Guerra Mundial, foi chamada de Praça Rui Barbosa, em consequência dos movimentos xenofóbicos que aconteciam a nível nacional, é o espaço público mais antigo da cidade de Caxias do Sul, região serrana do Rio Grande do Sul, tendo sido pensada ainda quando esta era uma colônia, em 1875. Inicialmente era um monte de terra rodeada de árvores nativas, que foi sofrendo reformas ao longo dos anos para acompanhar o desenvolvimento da cidade. A urbanização iniciou trazendo os balaústres para o cercamento, e em volta da praça surgiu o comércio e espaços de lazer, que se constituiu como o Centro Histórico. Na própria praça o comércio se instalou, para vender bebida e comida. Até circos e quitandas transitaram pelo espaço. Depois o terreno foi rebaixado, recebeu jardim com roseiras, chafariz, bancos, cercas e muros. Os passeios receberam calçamento em mosaico e os monumentos a Júlio de Castilhos, obra de Prosperi, e a Dante Alighieri, trabalho do italiano Eugenio Bellotto. Antigamente também tinha um coreto para discursos. É rodeada por edificações históricas, que outrora eram em maior número e acabaram sucumbindo ao movimento de modernização. A Catedral e a Casa Canônica são sobreviventes que ainda não foram tombadas. A praça mantém algumas placas de cidadãos ilustres caxienses e eventos importantes, bem como o Marco Zero da cidade. Outras edificações importantes são a Casa Scotti, a Casa Sassi e a sede social do Clube Juvenil. Em 27 de agosto de 1933, defronte à Catedral, lançou-se a pedra fundamental do monumento ao Duque de Caxias. Na década de 1970, foi realizada a instalação do novo chafariz e a ampliação da praça, abarcando a avenida Júlio de Castilhos, quando criou-se o calçadão. Em 1990, houve a reabilitação da memória de Dante Alighieri, e em 12 de junho se restaurou o antigo nome da praça. No início do século atual, o trecho do calçadão foi novamente aberto ao tráfego de veículos, e o espaço foi totalmente reajardinado (Fonte: Boletim informativo do Museu e Arquivo Histórico Municipal, 1992).

Passados alguns dias - muitos, eu diria -, Alice resolve ir para a Praça. É quinta-feira, final de uma tarde fria, o inverno já se anuncia. Vai de carro, estaciona nas vagas em frente ao espaço e ali fica, despretensiosamente. Começa a chover e as pessoas correm em busca de abrigo. Percebe que o motor do carro ao lado é acionado. Volta o olhar para a Praça e constata que não é um bom dia para estar ali. Mas resolve esperar. A chuva estia e ela sai do carro. Vai até o chafariz, resolve ir mais adiante e assim contorna o espaço. Percebe que algumas pessoas a observam curiosas, não compreende por que e segue alheia. Uma súbita sensação de bem-estar a toma por completo, tanto que a preocupação com o liso do cabelo se desfazer pela umidade não lhe afeta. Mas ela precisa voltar.

No caminho de volta para o carro se depara com um pedaço de uma foto no qual só é possível identificar parte de um rosto de uma mulher. Alice, então, abaixa-se, pega o achado e entra no carro. Com o auxílio da toalha da academia, retira o excesso de água da peça e coloca-a sobre o banco do carona. Quando chega em casa, coloca o fragmento da foto do lado da bolsa, em cima da mesa de centro da sala. Segue seus rituais e, pouco antes de dormir, senta-se no sofá para fazer a tiragem diária do tarot interativo virtual. Nesse momento, seus olhos encontram a imagem da enigmática mulher, e vai até o escritório, onde a cola em uma folha A4. Põe-se a pensar sobre ela: como seria aquela mulher, o que fazia, quais eram os seus desejos, os seu medos? Ainda vivia? Ou já teria vivido? E os seus amores? Ainda amava? Ou será que já não mais se permitia? Tão pequena, tão fragmentada agora, mas tão cheia de si...

Sinal terceiro

Alice vai à Praça Dante e uma cigana pede para ler as linhas de sua mão. Quando se sentam em um dos bancos, seus olhos se encontram. A cigana pede que Alice feche os olhos, quando fala:

- A minha leitura não tem dinheiro que pague. Seu valor será o cumprimento da minha vidência: por essa Praça passará, e nela contemplará os teus sonhos. Significados? Não sei se têm, aconselho que não os busques. Invenções? Encontros de uma Praça. Praça? Uma Praça? Ou a Praça?

Encontrará...

(Silêncio)

Alice abre os olhos e não vê a cigana. Olha para os lados e não a localiza. Levanta, confusa, e vai para casa. Será isso um sonho?

Sinal quarto

O despertador toca às 06h00. Alice levanta, ainda sonolenta, e vai até a janela do quarto para abrir as persianas.

Faz frio e os vidros estão embaçados. Em movimentos circulares, ela esfrega um dos vidros, abrindo uma brecha por onde surge a imagem de algumas partes da rua e dos prédios vizinhos.

Um carro vermelho estaciona em frente a um prédio comercial, na Júlio, mas dele ninguém sai. Pela La Salle, passa, a pé, um homem de camiseta branca, devidamente paramentado com máscara, porém, sem nenhuma proteção contra o frio de 4°C. Nesse momento, gotas d'água escorrem, deixando vestígios outros do lado de fora. Alice sorri. Ali, de pé, encostada na parede, ainda de camisola, parece alheia ao ar gélido. Vaga seu pensamento pela brecha aberta no vidro e encontra a Praça Dante Alighieri. Memórias pululam aos borbotões. A imagem da cigana surge provocando: que Praça é essa? Uma Praça? A Praça?

É terça-feira, outubro de 2020, as demandas profissionais são muitas, entretanto, no pensamento de Alice, somente a cigana, suas palavras e a Praça. Decidi não ir trabalhar. Aliás, se a palavra trabalho deriva de tripalium[17] , para que trabalhar? Quando seria um bom dia para ser torturado, afinal? Questiona-se Alice, sorrindo sarcasticamente. E ainda dizem que o trabalho dignifica o homem! - reflete ela, em voz alta, caminhando em direção ao aparador, aonde está o seu celular, o qual lança mão para enviar uma mensagem de WhatsApp para a sua secretária, informando que ficará fora o dia todo. Feito isso, desliga o aparelho e vai para o banho, quente e demorado como gosta. Ao retornar, acomoda os gatos e os cachorros na cama, veste seu vestido vermelho de cetim, borrifa o seu perfume no ar, senta confortavelmente encostando-se na cabeceira da cama em capitonê Luís XV entalhada a mão, escolhe uma playlist de músicas favoritas, abre a gaveta do criado-mudo e se municia

[17] Referência ao instrumento de tortura formado por três estacas afiadas de madeira (do latim *tri* - três - e *palum* - madeira), que na Europa antiga era utilizado como forma de punição àqueles que não tinham condições de pagar impostos. Posteriormente, somou-se a isto a ideia de execução de atividades físicas produtivas. Disponível em: https://www.dicionarioetimologico.com.br/trabalho/.

de um caderno e uma caneta. Dá o play no áudio, e a música de ZAZ inicia, embalando o ritmo de suas notas...

Les passants[18]

Les passants passant, je passe mon temps à les regarder penser

Leurs pas pressés dans leurs corps lésés

Leurs passé se dévoile dans les pas sans se soucier

Que suspicieuse, à l'affût, je perçois le jeu de Pan

Leurs visages comme des masques me font l'effet répugnant

Que faire semblant, c'est dans l'air du temps

Passe, passe, passera

La dernière restera

L'enfant n'est fait que de fêtes

Le fait est que l'effet se reflète à sa capacité de prendre le fait tel qu'il est

Sans se référer à un système de pensée dans sa tête

L'automne déjà, c'était l'été hier encore

Le temps me surprend, semble s'accélérer

[18] *Les passants*, música da cantora francesa Zaz. Fonte: Letras de músicas. Disponível em: https://www.letras.mus.br/zaz/1706410/traducao.html#album:zaz-2010. Acesso em: 24 out. 2019.

Les chiffres de mon âge m'amènent vers ce moi rêvé

Passe, passe, passera

La dernière restera

Chaque mois se joue

Dans des cycles différents, c'est marrant ces remous

Qui m'animent à travers le temps

D'un état à un autre, j'oscille inexorablement

Par les temps je cours à l'équilibre

Chaque jugement sur les gens

Me donne la direction à suivre

Sur ces choses en moi à changer, qui m'empêchent d'être libre

Les voix se libèrent et s'exposent

Dans les vitrines du monde en mouvement

Les corps qui dansent en osmose

Glissent, tremblent, se confondent et s'attirent irrésistiblement

Par les temps je cours à l'expression

Chaque émotion ressentie

Me donne envie d'exprimer les non-dits

Et que justice soit faite dans nos pauvres vies endormies

Passe, passe, passera

La dernière resterá

Os Passantes[19]

Os passantes passam, eu passo meu tempo a lhes olhar pensar

Seus passos apressados em seus corpos lesados

Seus passados se revelam nos passos sem se preocupar

Que desconfiada, à espreita, eu percebo o jogo de Pan

Suas faces como máscaras me fazem um efeito repugnante

Que fazer de conta está no espírito de nosso tempo

Passe, passe, passará

A última ficará

A criança não faz nada além de festas

O fato é que o efeito se reflete na sua capacidade de tomar o fato tal como ele é

Sem se referir a um sistema de pensamento na sua cabeça

O outono de agora, ainda ontem era verão

O tempo me surpreende, parece estar se acelerando

[19] Tradução da música *Les Passants*, de Zaz. Disponível em: https://www.letras.mus.br/zaz/1706410/traducao.html. Acesso em: 24 out. 2019.

As cifras de minha idade me conduzem na direção desse eu sonhado

Passe, passe, passará

A última ficará

Cada mês é jogado

Em diferentes ciclos, são engraçadas essas agitações

Que me motivam através do tempo

De um estado a outro, eu oscilo inexoravelmente

No momento, eu corro para um equilíbrio

Todo julgamento sobre pessoas

Me dá a direção a seguir

Sobre essas coisas em mim a mudar, que me impedem de ser livre

As vozes se libertaram e se expõem

Nas vitrines do mundo em movimento

Corpos que dançam em osmose

Deslizam, estremecem, se confundem e se atraem irresistivelmente

No momento eu corro à expressão

Cada emoção sentida

Me faz querer exprimir os não-ditos

E que a justiça seja feita em nossas pobres vidas adormecidas

Passe, passe, passará

A última ficará.

Sinal quinto

Onde fica Dante Alighieri, uma Praça em Caxias do Sul?

Fica logo ali. Na próxima rua - a Sinimbu -, dobre à direita e siga reto por quatro quadras. A Praça estará à esquerda, em frente à catedral. Pela Júlio, seguirá em frente mais uma quadra, quando dobrará à direita, seguindo reto por quatro quadras. A Praça estará à direita, em frente ao Andreazza.

Mas, para chegar lá, dependerá de onde está e de onde estou.

Onde está?

Onde estou?

Daqui, onde estou, escuto a Ave Maria tocando pela igreja. O frenesi de carros e pessoas é intenso, anunciando o encerramento de mais um dia. O céu está avermelhado, o sol já se despedindo e o som daquela música ao fundo do agito me parecem o cenário perfeito de uma catástrofe. Dante, uma Praça de Caxias do Sul, resistiria?

Cá onde estou nesse instante, à esquerda da Dante, uma Praça de Caxias do Sul, distante seis quadras, escuto a palavra de ordem: revitalização! Em nome dela uma banca de revistas que fazia parte da história da Praça foi demolida, e, com ela, muito da vida do lugar se perdeu.

Daqui, Dante, uma Praça de Caxias do Sul, chega-me como um coliseu: um cristão, debilitado, foi lançado aos leões. Era noite, e foi difícil se defender dos ataques. Impossível se livrar das marcas, eu sei. Dos xingamentos e jatos de água vindos de uma mangueira manuseada por seguranças, sobreviveu. Ufa!

Pena que a água, geradora de vida, em muitos casos, na Dante, uma Praça de Caxias do Sul, seja condutora da morte. Se não bastasse o banho de mangueira, gelado, no idoso que se pegou "apertado" precisando usar o banheiro público, peixes vivos são vendidos em feira, durante a semana santa, período que se comemora "a paixão, a morte e a ressurreição de Cristo", e que na sexta-feira aconselha-se a não comer carne vermelha. A carne do peixe é "branca", mas seu sangue é vermelho. Qual a diferença? Fico confusa. Também fico confusa

em relação ao banho de mangueira: dignidade violada também não é uma forma de morte? Aqui, a pensar...

Pensando, aqui, também, sobre o funcionamento da vida na Dante, uma Praça de Caxias do Sul: de repente, a água é transformada em vinho, que é vendido a preços acessíveis, pois é produzido na região, trazendo alegria a quem compra e a quem vende. Mas não seria interessante valorizar mais o que é local? Isso vale para artesanatos, também. A feira do livro, democratizando letras e palavras. Mas será que tal democratização não deveria ser diária? E a sessão de fotos, em poses de pole dance, em um poste, realizada por duas mulheres: uma bailarina e uma fotógrafa, e a parada livre apontando sobre outros modos de viver? O espaço de expressão da mulher e do diverso, na Praça, poderia ser livre também. Os sorrisos largos, as longas conversas, o flerte, o encontro, o olhar, o beijo, o jogo de cartas, a leitura do jornal, de um livro ou das linhas da mão, o passeio com o cachorro em plena tarde de segunda-feira, demonstrando a potência da vacância. Será que o que não gera receita não tem valor? A vida está ali, na Dante, uma Praça de Caxias do Sul, em todos os lugares, de diversas formas: A Dante é a própria vida, e é preciso vivê-la.

É preciso viver com o imigrante e com a riqueza de sua cultura; com o senhor franzino que vende algodão-doce colorido e que presenteia seus afetos com máscaras de personagens de super-heróis; com o ex-presidiário que vende acessórios para celular, em uma pequena sala de galeria comercial, nas adjacências, e que improvisa letras de rap; com policiais - bravos e destemidos guerreiros - que deitam lágrimas e erguem as mãos em continência, homenageando o colega que tombou em confronto; com os religiosos que colocam os joelhos no chão e oram por suas causas, aos seus deuses; com a professora e com os alunos que elevam sua voz, em manifestação, pois seus argumentos não são ouvidos; com a pesquisadora que busca compósitos em restos, para criar suas tessituras de experimentações.

Dante, uma Praça de Caxias do Sul. Vida. Vida atravessada por muitas outras vidas.

Do outro lado do oceano uma vida chega. Chega estrangeira. Estrangeiramente se achega e aconchega em outras vidas. Pela vida. Narinas, garganta e pulmão. A vida se afirma. Na corrente sanguínea. Pelo ar. No ar. Nas mãos. Traça nova vida: quarentena, isolamento, distanciamento, máscara, álcool gel. Quem vive, quem morre. Vidências, vivências? Onde posso estar? Para quê? Posso, devo, quero?

Toques, não! Beijo? Transgressão. Como classificar o encontro, na Praça, às 03h da madrugada, com um policial, uma farda, um vestido vermelho de cetim, salto alto, uma lingerie, um perfume importado e um vinho encorpado? Pena de morte ou redenção?

Decretos, protocolos, bandeiras...

Meus deuses, caboclos, orixás e guias! Final dos tempos? Do mundo? Transição planetária? Vinda dos extraterrestres? Expansão da consciência? Como seria? Não sei. Qual consciência? Uma epifania?

Não sei. Apenas, daqui, onde estou, escuto a Ave Maria tocada pela igreja. O frenesi de carros e pessoas é intenso, anunciando o encerramento de mais um dia. O céu está avermelhado, o sol já se despedindo e som daquela música ao fundo do agito me parecem o cenário perfeito de uma catástrofe.

Dante, uma Praça de Caxias do Sul, resistiria? Resistiria ao *não se deve sair sem destino, sem propósito,* muito menos para sentar no banco na Praça, que precisa estar vazia?

Não é permitido aglomerações. A recomendação é que fique em casa, se não sozinho, apenas com os seus, portanto, evitar discussões também é recomendável para a saúde e para a vida. O vagar está proibido e, mais do que nunca, abominado. Sair de casa apenas em casos de extrema necessidade. Mas o que é necessário?

Público? Parece já não fazer sentido, agora tudo é privado, particular, visceralmente residencial e virtual. Particular. Reticular das e nas telas; enquadrado das e nas janelas; dos e nos retrovisores. O outro? Distante, mesmo próximo. Sem cheiro, sem gosto, sem arrepio. Mas é preciso. Pelo outro também. Em nome do quê? Da vida. Mas existe um combate com outra vida. E com a vida. Vidas que se afirmam no invisível. Um vírus, uma Praça. Os pequenos contra os grandes. O inesperado. Como proceder, o que vai acontecer? Não se sabe, é epifânico. O vagar foi cortado, mas a vida não.

E a passante? Sem Praça.

Silêncio...

E os carregadores de tudo ou pouco do chafariz, dos bancos, dos caminhos, das árvores, das flores, das pombas da Praça, que extravagam e deixam escorrer, transbordar, escapar.

Sem pertencimento, sem cabimento. Vagueiam, vagabundeando, despretensiosamente, potencialmente?

AINDA?

Não sei.

Mas...

Alice vaga.

Assim é possível andar pela rua sem pensar, deixar a mente à deriva, deixar as pernas, com sua memória interna, levar a gente para cima e para baixo e fazer as curvas, atentas a um mapa de nossos próprios pensamentos, a cidade física substituída por uma cidade imaginária.

Rebecca Solnit

4. FLÂNEUSE DE CAXIAS DO SUL

A TECITURA POR FORÇA DO VENTO

A ARANHA - p. 91

FOTOGRAFIAS[20] POR ORDEM DE EPIFANIAS

FORÇAS DE DANTE - p. 98

INFINITAS (IM)POSSIBILIDADES - p. 99

CONCRETANDO - p. 100

POR ENTRELINHAS - p. 101

RASGANDO - p. 102

COPIANDO E COLANDO - p. 103

VERDES LOUROS - p. 104

DESFAZENDO NÓS - p. 105

(IN)FORMANTE - p. 106

DESVIANDO - p. 107

VAI E VEM - p. 108

MULTIFOCALIZANTE - p. 109

VID(V)ÊNCIAS DE ALICE - p. 110

CONTENDO - p. 111

IMPERIOSAMENTE CELESTIAL - p. 112

MARCAÇÕES - p. 113

URBANA - p. 114

DIA D É HOJE - p. 115

PARA ONDE? - p. 116

CORTINA - p. 117

MEDOS - p. 118

DA TELA DA JANELA - p. 119

PLATÔS - p. 120

FLANERIE CASEIRO - p. 121

JUÍZO FINAL - p. 122

[20] As fotografias foram feitas em preto e branco por uma questão de preferência pessoal, mas também por ordem filosófica: para Vilém Flusser, na sua obra *Filosofia da Caixa Preta*, fotografar em preto e branco mostra o verdadeiro significado dos símbolos fotográficos: o universo dos conceitos.

NA TELA - p. 123

CAOS - p. 124

ARACNOESCORPIANAMENTE - p. 125

SEM CHÃO NEM CABIMENTO - p. 126

RES(x)ISTÊNCIAS – p. 127

Aranha

Alice nasceu no dia 17 de novembro de 1980, sob o signo solar de Escorpião, às 13h30, no hospital Pompéia, em Caxias do Sul, cidade que vive. Localizada no Nordeste do Rio Grande do Sul, possui mais de 600 mil habitantes (IBGE, 2019) e é uma das 10 cidades gaúchas mais populosas, muito por conta dos movimentos migratórios (internos e externos), que enxergam no polo industrial uma possibilidade de melhoria de vida. Aliás, Caxias carrega a fama de ser uma cidade para trabalhar, enraizada na sua ascendência europeia - principalmente italiana - que visualizou nas terras gaúchas possibilidade de colonização e povoamento.

Seguindo a tradição, Alice tornou-se empresária do setor metalmecânico e tem sob a sua responsabilidade a administração da empresa da família, que tem mais de mil funcionários, e por isso também carrega a incumbência de alimentar a economia local. Entretanto, sonhava mesmo em ser médica, mas não deu. Iniciou sua vida acadêmica com Enfermagem, partiu para a Administração, parou na Biomedicina e desviou para a Educação. É casada há 15 anos com um advogado. Ama o marido, é verdade, mas suspeito que tem tatuado o nome de um policial no seu coração. Não tem filhos: tentou por duas vezes, sem sucesso, e desde então vive feliz e realizada com os seus 4 gatos e 2 cachorros.

Ela tem algumas manias: gosta de comer pizza doce antes das salgadas; refrigerante em temperatura ambiente, sem gás; e sorvete com um pouco de água quente. Ama vinho, boa música, café passado pelo pai, pão de queijo e bala 7 Belo. É notívaga, detesta levantar cedo, embora de uns tempos para cá tenha sido 'obrigada' a fazê-lo. Gosta de ficar em casa na companhia dos seus fiéis escudeiros, com a televisão desligada e com um bom livro sobre as pernas, em cima da cama. Já negou convites, inclusive dizendo ter compromisso, só para ficar assim. Quando a televisão está ligada é para assistir a algum desenho ou filme de fantasia. Mas também gosta daqueles filmes de amor, com muitas cenas de paixão tórrida, porém, sem melodrama.

Ama fazer nada, porque nada é criação. Desconfia da extrema ocupação, porque fazer tudo, para ela, é uma pista de frustração. Faz aula de francês com uma linguista aposentada, que também é escorpiana, é fã de rock e fala palavrão.

Alice sofre de enxaqueca, que piorou nos últimos anos, e por isso se aproximou da Medicina Tradicional Chinesa e das terapias alternativas. Não que desaprove a medicina ocidental. Não se trata disso. É que é tão complicado para ela entender como nomes próprios se converteram em sujeitos simples: o que vale para um serve para todos. E sobre as dores da alma - muito ela se questiona - caso fosse motivo de consulta? Que dores? Que alma? Indagaria o especialista ao prescrever um anestésico e indicar um psiquiatra. Por isso também acredita em Astrologia e em Numerologia: afinal, o que caberia entre cada um do número onze? Com certeza, para Alice, um infinito de possibilidades!

Sim, para ela tudo são possibilidades, principalmente aquelas que surgem da potência dos menores, que de tão pequenos são invisíveis, mas que provocam aquele estrago nos grandões: fadas, gnomos, sílfos, dríades, anões encantados, bruxas e suas bruxarias, vírus e suas pandemias. Vagabundos e suas epifanias. Por falar nelas, para Alice, tudo é uma epifania, aquele mágico instante no qual aquilo que não existia acontece. Ou aquilo que aconteceu, sendo passado, já não é mais igual quando se repete. E ainda, o que poderia vir a ser, quando se imagina. É, quem sabe, talvez, como o que se dá com pó de pirlimpimpim, o raio da varinha mágica, a palavra encantada, o som que hipnotiza, o canto que enlouquece, o beijo que desperta, a agulha que adormece, a maçã que apodrece, o cajado que enaltece. Ou como as viagens do Pequeno Príncipe e o seu asteroide B 612. Ah... também como as ciganas e seus baralhos.

Alice já é adulta, mas também não cresceu (ahhh, pequeno príncipe e as pessoas grandes...). Ela viu a mãe sair de casa para buscar a felicidade, depois de 47 anos de um casamento fracassado, e chorou por muito tempo pelo abandono e solidão (?!). Pode ser que por isso passou a se interessar em olhar pela janela e buscar em outras, mas através delas, suas presenças e ausências. Hoje digo, com convicção, que essas foram vidências de Alice, pois, agora, em reclusão, pelas epifanias de um tal coronavírus, não só a ela, mas a todos - trata-se de uma prescrição - só é possível olhar pelas janelas e pelas telas. Falar é desaconselhado, porque é preciso evitar aglomeração. Também ficou difícil, por causa da máscara de proteção. Aliás, olha a epifania aí: não é que Alice agora está na prefeitura, a convite de um governante, para dirigir ações da cidade? A ela cabe, por exemplo, administrar questões de urbanismo e urbanidade. Logo Alice? Pois é... ela tem dificuldade: por não ter

crescido e estar entre os grandes, além da enxaqueca, agora ela sofre de irritabilidade. Está de saco cheio de tanta bestialidade. Seu maior erro sempre foi em resistir em falar não, mas, parece-me, que desse processo está em libertação: depois de uma reunião, colocou seu cargo à disposição. Não que não queira trabalhar. Mais uma vez, não se trata de querer. Mas é que, para Alice, é insuportável o fato de tolher. Ela sente falta da vagabundagem, que é criação. Tem necessidade dos vestígios, que são arte em transformação. Alice não é artista, definitivamente não. Ela conheceu um educador francês, que preferia ser chamado de poeta a pedagogista, com quem aprendeu subverter a escrita ao escrever entre rastros e mistérios. Por isso, lançou mão de recursos outros, que não apenas a palavra escrita, para fazer a linguagem acontecer, tornando câmeras fotográfica e filmadora, mapas e aplicativos suas alianças de expressão. Mobilizou suas energias para o espaço, para o lugar, para o meio e para o corpo posto em relação, tecendo um compósito de experimentações de existência e coexistência. É vidente e vivente. Por isso tem dificuldade em ser producente.

Foi passando pela Praça que Alice refletiu sobre as inadaptações, fazendo ruir a naturalização do moralismo. Nesse espaço a previsão de uma cigana aconteceu: nas linhas da mão de Alice trajetos do vagar: *será a flâneuse da cidade onde nasceu.. A cidade que vive. E viverá a cidade, pela cidade. Contudo, não será sua observadora*. Alice, hoje, entendeu que, se assim fosse, seu olhar perturbaria "essa arquitetura de trajetos, e, por menos que sua presença se obstinasse ou se reiterasse, o espaço vago teria se tornado vacante [...] fazendo desaparecer aquele infinitivo de vagar cuja extraordinária riqueza se vislumbra' (DELIGNY, 2018, p. 20-21), mas aquela que tramará a sua rede - que é lugar de ser - tal qual a aranha que não tece sua teia para capturar presas, mas, antes, escondida em seu abrigo "com uma pata indolentemente pousada nos fios da teia que chegam até ela; a partir deles, ela sente tudo o que acontece a sua teia; localiza e avalia a origem provável das vibrações" (DELIGNY, 2018, p. 34).

Alice, então, lança o fio pela janela para o vento carregar pela cidade, sem dizer uma única palavra. Ao som de Ile, aguarda para saber onde vai parar. Alí a sua rede tramar-se-á.

Extraña de Querer[21]

Me cruzaste de la mano

Y me nacieron dos antenas

Y mientras fotografiaban

Sin que nadie nos viera

Se posaron tus deditos como rana en mi espalda

No sabía si moverme

Si dejarme acariciar

Me hacen falta las caricias

En estas horas de mar

Y un brazo invisible

Me salió de la pared

De la piel de mi espalda

Que esta extraña de querer

Se me estiraban los brazos

Y de allí desde esa piel

Me salían una y una

Largas manos a la vez

[21] *Extraña de querer*, música da cantora porto-riquenha Ileana Mercedes Cabra Jogal – Ile. Fonte: Letras de músicas. Disponível em: https://www.letras.mus.br/ile/extrana-de-querer/. Acesso em: 24 out. 2019

Y de pronto tenía ocho

Y estaban redor de ti

Y fue justo cuando con dolor lo decidí

Que no podía continuar

En tan escueta canción

Que tus brazos y los míos

Hacían una ovación

De cariños que no pueden

Por favor hazme el amor

Dame toda la energía

Que necesito un favor

Para recuperar algo

De lo que se echó a perder

Y vivir ya paso a paso

Con mi cría y su querer

Fuerzas para entender

Que no necesito mucho más que a mí

Me escribía Perkins Gilman

Sutilmente en su tapiz

Y trepé por las paredes

Llegué al techo, te perdí

Se me amarilló de pronto

Cierto trozo de nariz

Cuando miré hacia mi arriba

Te vi abajo a mis pies

Y en la tez se me veía

El amarillo de tu piel

Y fue ahí que decidí

Manos, déjenlo salir

Y dejar que el aire cubra

A este mítico jardín

Se llenó de aire el bar

Luego casi no te vi

Y ya cuando regresaste

Ya todo resuelto al fin

Pero qué noche

Más loca y qué linda a la vez

Descansar en cuatro notas

Que yo misma me inventé

Tener alas volar alto

De la barra a orinar

Y lograr al fin callarte

Y a tus manos trasladar

Te doy gracias hoy por tanto

Por aquel viejo lugar

En el que con mis antenas

Nos logramos conectar

En el que una araña dulce

Por amar salió de mí

Y me convertí en insecto

Como Kafka en frenesí

89
83
85
82
ANDRESA
VIEIRA N. 1911
30-11-93
81
ANGELO GOLFETO
N 08-08-1934
T 11-04-2013
97

Bloco L
UCS

AREA VERDE
EXCLUSIVO PEDESTRE

CENTRO
ZONA LESTE
ZONA NORTE
FARROUPILHA
Praça Dante Alighieri
Mon. Nacional ao Imigrante
ESTACIONE
ROTATIVO MENSAL
DIA E NOITE
IPB8J45
IZR6J73

moda intima
CONVÊNIO
GOPP

CASA DA CULTURA

REFERÊNCIAS

CARBONARA, Vanderlei. **Educação, ética e diálogo desde Levinas e Gadamer**. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2900 /1/000446164-Texto%2BCompleto-0.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. Disponível em: http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinosa-e-o-Problema-da-Express%C3%A3o1.pdf. Acesso em: 12 out. 2019.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista com G.Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, 34. ed, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia e Suely Rolnik. São Paulo: 1995.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes.** Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta.** São Paulo: Editora HUCITEC- Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia, 1983.

GALLO, Silvio Donizetti de Oliveira. **Deleuze e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GARCIA LAMAS, Jose M. Ressano. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. 176.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular:** pulsações políticas do desejo. Tradução Suely Belinha Rolnik. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. Cidades e Estados, 2019. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/caxias-do-sul.html. Acesso em: 10 de nov. 2019.

JOYCE, James. "Epifanias". Tradução: B. S. Pinheiro. **Revista da Letra Freudiana**, Rio de Janeiro, Relume – Dumurá, ano XII, n° 13, 1993.

MATOS, Sônia Regina da Luz. **Resenha**. DELIGNY, Fernand. O Aracniano e outros textos. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: 1 edições, 2015. Disponível em: https://portalseer.ufba.br/ind ex.php/entreideias/article/vie w/17983. Acesso em: 10 ago. 2019.

MIGUEL, M. O materialismo deligniano – Introdução ao Encontro. **Cadernos Deligny**, v. 1, n. 1, p. 7, 12 jan. 2018.

MIGUEL, M. **Os dois lados da inquisição**: Fernand Deligny, ensaios de uma tentativa pedagógica. Diponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25314/25314.PDF. Acesso em: 10 nov. 2019.

MIGUEL, Marlon C. P. Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. **RevistaTrágica**: estudos de filosofia da imanência – 1º quadrimestre de 2015 – Vol. 8 – nº 1 – p. 60-68. Disponível em: http://tragica.org/artigos/v8n 1/miguel.pdf. Acesso em: 15 jun. 2019.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. Tradução Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2016.

VIECELI, Ana Paula. **Arcanos Urbanos:** o jogo dos errantes. 2019. 644 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.